4
ESTÉTICAS DO REAL E A CRISE DAS IMAGENS NO TELEJORNALISMO: ANALISANDO O RJTV 1ª EDIÇÃO

Intimamente atingidos pela lógica do tempo irracional, os telejornais – dispositivos de construção de recortes de realidade – viram-se compelidos a atualizar sua dinâmica. É possível observar diversos diários televisivos cedendo à experimentação de artifícios para a manutenção de uma audiência agora familiarizada com a rede de informações líquida, ágil, irracionalmente veloz, onde experimenta uma aparente descentralização dos lugares de fala.

Especialmente a partir da possibilidade de confecção de conteúdos audiovisuais através de dispositivos móveis (aparelhos de celular com câmeras filmadoras de baixa qualidade, câmeras digitais, microcâmeras, máquinas fotográficas digitais com função filmadora, entre outros), em consequência do barateamento e popularização destes e, a partir também do lançamento do sites de divulgação e publicação de conteúdo audiovisual, a exemplo do *YouTube.com* com seu convite *Broadcast Yourself*[27], todos - e é necessário ratificar, **todos -** os telejornais da Rede Globo desenvolveram plataformas de incentivo à participação da audiência na produção de conteúdo noticioso. São constantes as chamadas que convidam o telespectador com frases como "envie seu vídeo", "mande seu flagrante pra gente", "faça um vídeo e mande pelo nosso site". Desta forma acaba-se incutindo na audiência o sentimento de, que assim como posta seu vídeo no *YouTube*, é possível "postá-lo" também no maior meio de comunicação de massa do país, na emissora com maior visibilidade.

Mas, se a Internet é uma forma tão eficaz de atingir um grande público sem a mediação de um grande veículo como uma emissora de televisão, por que tanto interesse da audiência em postar nos sites de jornalismo profissional com intuito de que

[27] Algo que pode ser traduzido como "Televisione-se".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

seus vídeos apareçam na tão *démodé* telinha? – Eis uma das questões que instigam investigações como a aqui proposta.

Não somente a "participação" do usuário na produção de conteúdo para o telejornal caracteriza as mudanças pós-*Web* 2.0 enfrentadas pelo gênero. A dinâmica da apresentação, o ritmo de edição – das matérias e do programa no momento em que vai ao ar -, o formato dos *links*, a utilização de outros vídeos que também não são produzidos pela equipe profissional da atração, os renovados formatos de utilização de entrevistas e depoimentos da comunidade e a modernização do cenário, aparecem como ferramentas para a manutenção dos valores mais importantes para os produtos de jornalismo: credibilidade, imparcialidade e objetividade.

Nesta investigação interessa compreender a forma particular de discurso que se constitui no gênero telejornalismo e, em como esse discurso vem se modificando e transformando a própria prática dos processos de produção desse produto televisual[28]. Numa primeira abordagem será caracterizado um panorama para a compreensão do gênero telejornal. O intuito deste estudo é compreendê-lo enquanto gênero e não simplesmente como um produto em suas atribuições puramente técnicas, pois, adota-se nesta investigação o pressuposto de que a análise que considera diversos aspectos pode oferecer resultados mais visíveis. Em função deste último fator, aspectos da análise semiótica também serão utilizados como recurso metodológico.

Durante muitos anos prevaleceu a teoria de que o jornalismo era o espelho da realidade, como se o repórter retratasse o fato exatamente como este aconteceu. Há, entretanto, uma vertente mais atual - da qual este estudo se aproxima mais – de que o jornalismo cria, na verdade, efeitos de realidade (JOST, 2009) – não a reflete -, que despertam no público a sensação de objetividade e credibilidade, pelas quais a sociedade ainda aparenta prezar e que são a razão do jornalismo ainda persistir.

Por ser o telejornal um produto televisual, confeccionado para um público de massa, e por ser a televisão a mídia de maior penetração no país, é pertinente considerar que seu poder de influência pode contribuir para a manutenção do *status quo* ou para a mudança social (BECKER, 2005) e contribui também para a construção de uma identidade nacional, no caso do RJTV 1ª Edição, uma identidade regional. Mas, essa voz que "ganha" espaço nos telejornais é a voz que fala pelas identidades dessas

[28] Utiliza-se aqui o termo "televisual" porque considera-se o telejornal um produto audiovisual pensado para televisão. (BECKER, 2005)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

comunidades? Esse é um dos pressupostos que influenciaram a realização das análises que se seguem adiante.

4.1
Metodologia

A análise aqui proposta segue em três vertentes. A primeira tem por intuito identificar como os discursos dos personagens, apropriados por um produto – o telejornal -, funcionam como acessórios da identificação entre os públicos e o objeto aqui investigado. Uma das hipóteses centrais deste trabalho recai sobre a relação atual entre os conteúdos audiovisuais profissionais e os conteúdos audiovisuais amadores, ou não-produzidos por profissionais (câmeras escondidas, câmera de circuito interno de vigilância), veiculado nos telejornais. Os vídeos amadores, por exemplo, tem sido mais recorrentes, sendo perceptível o aumento de volume e destaque dentro das editorias telejornalísticas. Seriam esses produtos amadores um novo acessório da identificação dos públicos com os noticiários televisivos, neste caso em especial, da comunidade carioca com o RJTV 1ª Edição?

Para este primeiro momento será utilizada a metodologia da Análise Televisual, elaborada por Beatriz Becker, a fim de identificar os aspectos delimitadores do gênero telejornal, assim como, visualizar e compreender o perfil do telejornal pesquisado, RJTV 1ª Edição. O procedimento metodológico baseia-se na "análise comparativa, com a utilização de categorias e aplicação de princípios associados aos efeitos de sentido dos noticiários" (BECKER, 2005, p.32)**.**

A autora definiu a observação de dez categorias de análise para a compreensão da lógica de produção:

1. A estrutura.
2. Os blocos: construção e definição.
3. O ritmo.
4. Os apresentadores.
5. Os repórteres.
6. As matérias.
7. As entrevistas e os depoimentos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

8. Os campos temáticos: as editorias.
9. A credibilidade.
10. Recursos gráficos e cenário.

Sendo realizada uma primeira avaliação baseada nas categorias acima, observa-se os princípios de enunciação identificados na linguagem do telejornal que, de acordo com Becker, são onze:

1. Relaxação.
2. Ubiquidade.
3. Imediatismo.
4. Neutralidade.
5. Objetividade.
6. Fragmentação.
7. Timing.
8. Comercialização.
9. Definição de identidade e valores.
10. Dramatização.
11. Espetacularização.

O segundo estágio da análise aqui prevista intenciona a identificação e classificação dos aspectos imagéticos que aproximam conteúdos audiovisuais jornalísticos veiculados no "RJTV 1ª Edição" das Estéticas do Real/Realismo (FELDMAN, 2008; 200JAGUARIBE, 2007; JOST, 2009; MATOS, 2009; NICHOLS, 1997), ou Efeito de Realidade (LINS, 2008), por meio da utilização da proposta de classificação desenvolvida para este estudo, a "Taxionomia dos Efeitos de Real"[29].

A classificação provisória da "Taxionomia dos Efeitos de Real" consiste, a priori, na observação da amostra coletada (vídeos amadores, vídeos de câmeras de vigilância, vídeos de câmeras escondidas, por exemplo); após uma primeira observação, a avaliação dos vídeos deve prosseguir em direção à identificação dos "Aspectos da imagem" - quanto à "Plasticidade" (cor, pixelização e desfoque) e à "Credibilidade" (vivo, Cinegrafista Amador e Câmeras de Vigilância) – e dos "Aspectos do manuseio" - quanto aos "enquadramentos e movimento" (visibilidade do sujeito, falta de ângulo, câmeras de vigilância, câmera tremida, instabilidade da mão).

[29] Item 2.5 desta dissertação.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

Concatenado com a segunda etapa, um terceiro nível de análise será aplicado, observando aspectos da semiótica pierciana, aprofundada por Lúcia Santaella em "Semiótica Aplicada" (2002). A autora propõe a aplicação da semiótica como "estratégia metodológica para a leitura e análise de processos empíricos de signos: música, imagens, arquitetura, rádio, publicidade, literatura, sonhos, filmes, vídeos, hipermídia etc." (SANTAELLA, 2002, p.XIV).

No caso da proposição deste estudo, cujo recorte visa a análise das estéticas de vídeos produzidos por não-profissionais, ou que não atendem às configurações de uma produção profissional (câmeras de vigilância, câmeras escondidas), veiculados o telejornal RJTV1, as duas abordagens – a da "Taxionomia" (que deriva da Teoria Geral dos Signos, também concebida por Charles S. Pierce) e a "Semiótica" - serão aplicadas conjuntamente, não obedecendo religiosamente a ordem na qual foram expostas aqui.

A compreensão do gênero telejornal se dará por meio do reconhecimento do perfil histórico, da análise e compreensão de sua estrutura, dos blocos, do ritmo do próprio RJTV 1ª Edição. Tais categorias serão aprofundadas ao longo deste capítulo. A utilização dos recursos metodológicos aqui propostos tem por intuito a aplicação direta da metodologia ao objeto. A compreensão das teorias se dará na observação dos próprios elementos desta pesquisa.

Sumariamente, a Análise Televisual será aplicada no intuito de identificar aspectos que caracterizam o telejornal RJTV à Edição e a Análise Semiótica, em combinação com a proposição da "Taxionomia dos Efeitos de Real", serão aplicadas à análise dos vídeos e dos aspectos de real presentes na sua imagética.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

4.2
Conhecendo o RJTV 1ª Edição

Quando foi ao ar pela primeira vez, em 1983, o RJTV possuía uma edição diária de 10 minutos, exibida antes do Jornal Nacional. O noticiário tinha por objetivo veicular informações sobre a cidade e o Estado do Rio de Janeiro**.** Nos oito meses seguintes o RJTV passou a contar com mais duas edições, uma ao meio-dia – que era mais voltada aos problemas diários da cidade -, e outra às 23 horas. No entanto, teria sido no ano

2000 que o telejornal diário tenha começado a assumir um formato mais comunitário, como consta no próprio texto de apresentação no site do RJTV:

> Com novo formato desde janeiro de 2000 - que explora os debates entre a população e as autoridades, o RJTV procura ajudar a resolver os problemas do Rio de Janeiro com campanhas e discussões, cobrando soluções para melhorar nosso cotidiano. Adotando um perfil de jornal comunitário, o RJTV promove com ética e responsabilidade, a credibilidade e o bom senso jornalístico, ajudando os cariocas e os fluminenses a exercerem a sua cidadania. (G1-RJ, 2010)[30]

Na edição de 23 de novembro de 2009, a Rede Globo apresentou um "novo" RJTV 1ª Edição. O telejornal reaparece com cenário novo, mudanças na equipe, renovado ritmo de apresentação e mantendo o tom de prestação de serviço, como explicitado pela própria âncora do programa: "Continua valendo o nosso compromisso de estar com você na sua comunidade, na sua cidade trazendo as notícias de toda a região metropolitana pra você viver melhor aqui no Rio de Janeiro"[31]. Por adotar esse perfil "assumidamente de jornal comunitário", foram coletadas **84 amostras** do RJTV 1ª Edição, por ser a versão mais longa deste telejornal, – normalmente alcança os 38 minutos – já que o RJTV 2ª Edição possui apenas 15 minutos, desta forma aumentando a amostra que sustenta a análise aqui proposta.

A observação do RJTV 1ª Edição foi iniciada no dia 1º de Abril de 2010. Foram coletadas amostras do programa até o dia 30 do mês de junho do mesmo ano, totalizando 3 meses de observação. O material foi gravado com auxílio de um aparelho de reprodução e gravação de DVD. Após a coleta, as edições do telejornal foram decupadas para, então, proceder com o estudo, para o qual foram utilizadas a proposta metodológica da Análise Televisual, que sugere considerar 10 categorias e 11 princípios de enunciação "para ler o telejornal" (BECKER, 2005); da "Taxionomia dos Efeitos de Real" e da Análise Semiótica (SANTAELLA, 2002).

Embora não seja recorrente a utilização conjunta de pressupostos semiológicos e semióticos, a "experimentação" da aglutinação metodológica mostrou-se eficaz para a análise dos resultados obtidos nesta investigação. A decisão da adoção de componentes metodológicos da análise televisual - que é derivada da semiologia (BECKER, 2005) - e da semiótica foi incentivada pelos argumentos de Edgar Morin, quando diz que

[30] *Conheça a história dos telejornais da TV Globo no Rio.* Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/04/conheca-historia-dos-telejornais-da-tv-globo-no-rio.html>
[31] Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=WQAVRs8BSLc>

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

> A pobreza de todas as tentativas unitárias, de todas as respostas globais, confirma a ciência disciplinar da resignação do luto. Assim, a escolha não se situa entre o saber particular, preciso, limitado, e a idéia geral abstracta. Situa-se entre o luto e a investigação dum método capaz de articular aquilo que está separado e de unir aquilo que está dissociado. [...] Hoje, a nossa necessidade é encontrar um método capaz de detectar, e não de ocultar, as ligações, as articulações, as solidariedades, as implicações, as imbricações, as interdependências e as complexidades. (MORIN, 1997, p.19)

Investindo numa espécie de concordata metodológica, o estudo realizado tem por intuito; 1 - compreender o telejornal RJTV 1ª Edição; 2 – dentro do recorte temporal proposto (as edições do RJTV1 que foram ao ar entre 1º de abril e 30 de junho de 2010), selecionar os vídeos produzidos por não-profissionais do telejornalismo, sejam estes de cunho amador, ou mecânico (câmeras escondidas ou de circuito interno de segurança) que se aproximem das Estéticas do Real/Realismo; 3 – propor uma organização dos vídeos selecionados considerando a "Taxionomia dos Efeitos de Real"; e, 4 – paralelamente às etapas de identificação e organização do *corpus*, aplicar a este a Análise Semiótica. Eis a primeira parte da análise: a televisual.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

4.2.1
Estrutura

Tecnicamente, pode-se assumir que a estrutura do telejornal é constituída pela divisão em blocos que, de acordo com Becker (2005, p.75), são "conjuntos informativos audiovisuais" nos quais os materiais jornalísticos (matérias[32], notas cobertas[33], notas-pé[34], notas secas[35], *links*[36], entrevistas[37], entre outros) são distribuídos e organizados pelas:

1 - "peças" que organizam essa estrutura (escalada[38], chamadas[39] para o próximo bloco[40], cabeças[41] de VT's[42]);

---

[32] "O que é publicado ou se destina a ser publicado em qualquer veículo de informação. É usado como sinônimo de reportagem". (PATERNOSTRO, 1999, p. 145)
[33] Nota lida pelo apresentador coberta com imagens (seleção de imagens acompanhando o texto lido pelo apresentador que não aparece no momento da locução). A nota coberta pode ser gravada ou lida ao vivo.
[34] "Uma nota ao vivo, lida no final de uma matéria trazendo informação complementar ou que faltou à reportagem." (PATERNOSTRO, 1999, p.146)
[35] Nota lida pelo apresentador, ao vivo, sem cobertura de imagens. O apresentador aparece no momento da leitura da nota. O oposto da nota coberta.
[36] Ou "Vivo". "Entrada ao vivo do repórter ou outro participante a partir de fora do estúdio, durante transmissão de telejornal, [ou boletim informativo durante a programação], por meio de um *link* via satélite ou microondas." (YORK, 2006, p.274, grifo nosso)
[37] "O diálogo entre reporter e personagem que é fonte de informação." (PATERNOSTRO, 1999, p.142)
[38]"Manchetes de um programa ou noticiário" (WHITE, 2008, p.538), lida no início do programa, geralmente, antes da vinheta.

2 - pelo modelo de apresentação (quantos apresentadores, colaboradores em estúdio); e, 3 - pelos materiais jornalísticos utilizados. É possível, ainda, identificar outras características estruturais dos telejornais, porém, este estudo será baseado nas aqui especificadas.

Observar-se-à, neste primeiro momento, todas as edições coletadas que seriam edições comuns deste telejornal, à exceção dos dias 7, 8, 9 e 10 de abril, que entrarão numa análise separada, pois se trata de um período em que ocorreram coberturas especiais. A seguir, a investigação avançará para a análise especifica das edições da cobertura especial das chuvas que provocaram enchentes e desabamentos no Estado do Rio de Janeiro.

Nas edições comuns do RJ 1, observou-se aspectos que caracterizam a estrutura deste telejornal local. No período avaliado, o tempo de exibição do telejornal, sem considerar o tempo do *break* - intervalo comercial -, teve variação de 34'07'' (trinta e quatro minutos e sete segundos), no dia 5 de abril; a 1h15'18`` (uma hora, quinze minutos e dezoito segundos), no dia 15 de maio. O RJ 1, geralmente, inicia com uma escalada, assim como os telejornais nacionais *Jornal da Record, Jornal Nacional* e *Jornal da Band*, com "um resumo das principais notícias do dia, anunciando o que o telespectador vai acompanhar" no *plat du jour*[43] (BECKER, 2005, p.75).

A escalada do RJ 1 é sempre apresentada por um âncora, que inicia o programa com um "Olá, boa tarde". Regularmente a escalada, no início da Edição, traz imagens das matérias que serão exibidas, *stand ups*[44], imagens aéreas do helicóptero da emissora, o "Globocop" e, numa frequência menor, *links* (transmissão de fora do estúdio) dos repórteres, ao vivo. Ao fim do resumo, o apresentador avisa: "O RJ 1ª Edição começa agora".

E, normalmente, é finalizado com variações de "Boa Tarde" do apresentador: "Até amanhã!Boa Tarde!", "O RJ termina aqui, a gente se vê amanhã", "Aqui termina o

[39] *Flash* de assuntos de destaque de um noticiário de rádio ou TV, transmitido várias vezes na programação da emissora [ou no telejornal, de um bloco para o outro] para chamar a atenção da audiência. (WHITE, 2008, p.537, grifo nosso)
[40] Partes que compõem o noticiário de TV ou rádio.
[41] Pequena introdução à matéria com locução *on* do apresentador. O apresentador aparece.
[42] *Videotape*, ou fita de vídeo. "Também usado para indicar a fita onde está editada a matéria." (PATERNOSTRO, 1999, p.153)
[43] Prato do dia.
[44] "Quando o repórter faz uma gravação no local do acontecimento para transmitir informações do fato. Normalmente, ele está de pé, em primeiro plano, e permanece no vídeo durante todo o boletim ou *flash*. É usado quando a notícia que o repórter tem pra dar é tão importante que, mesmo sem imagem, vale a pena." (PATERNOSTRO, 1999, p.151)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

RJ de hoje, uma boa tarde pra você", entre outras. É possível observar aqui que, ao cumprimentar o telespectador com seu "Olá, boa tarde", ou ao se despedir com um simpático "Uma ótima tarde pra você", os apresentadores tentam gerar aproximação com o público, através de uma simulação do diálogo. Este aspecto já havia sido identificado por Becker (2005) em diversos telejornais nacionais em sua pesquisa que resultou na obra que serviu de base para esta etapa da análise realizada nesta dissertação, "A linguagem do telejornal: um estudo de caso das coberturas do 500 anos do Brasil" (2005).

Outro fator interessante são os materiais jornalísticos utilizados neste noticiário. Há uma variação relevante. Identifica-se que, na maioria das edições, o estúdio "desaparece" diante de diversos *links* – transmissão via satélite - de vários repórteres ao vivo, ou na rua, ou no "Globocop". E os próprios repórteres chamam os *links* de outros repórteres que chamam de seus vivos suas próprias matérias padrão (matérias que apresentam *off*[45], sonora[46] e passagem[47]), dando uma sensação de movimento circular, como se o RJ 1 estivesse em todos os lugares da cidade, reforçando o princípio da "ubiqüidade" (BECKER, 2005). Em outras edições, em proporção menor, apresentam apenas um, ou dois *links*, algumas vezes do mesmo repórter. Na agilidade desse "círculo de *links*", também observa-se o princípio do "imediatismo" (BECKER, 2005), na dinâmica do vivo, do repórter presente no momento exato em que o fato ocorre.

No RJ 1, além dos *links* e das matérias padrão, identifica-se também a utilização de notas secas, notas cobertas, notas pé[48], entrevistas no estúdio ou nos *links* e chamadas – dentro do jornal – para outros programas jornalísticos da emissora, como o "Globo Esporte" e o "Jornal Hoje".

4.2.2
Blocos

Nas edições comuns do RJTV 1ª Edição, os blocos não são fixos, variam entre 3 ou 4. Também não têm uma duração média. Encontrou-se exemplos de blocos com 15'45'' (quinze minutos e quarenta e cinco segundos), com 4'30'' (quatro minutos e

[45] Locução sem aparição do repórter.
[46] Parte do áudio de uma entrevista concedida ao repórter de TV.
[47] Momento no qual o repórter aparece na matéria trazendo alguma informação complementar ao tema, ou cobrindo a ausência de uma imagem específica para exemplificar o dado que consta no texto. As passagens às vezes também são utilizadas como uma espécie de assinatura do repórter.
[48] Olhar notas de rodapé 7, 6 e 8 (nesta ordem).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

trinta segundos), com 9’12’’ (nove minutos e doze segundos), por exemplo. Há blocos bem longos, e outros bem curtos, não sendo definido que um, ou outro bloco, seja sempre mais logo, e outro sempre mais curto. Às vezes é o primeiro bloco que tem 15’, noutras é o segundo, ou o terceiro. A duração é flexível e, nessa flexibilidade, foi possível identificar no RJTV 1 o princípio da “credibilidade” (BECKER, 2005): de forma ágil, o jornal modifica sua dinâmica de acordo com as notícias do dia, como se este não fosse preso a uma forma, mas aos fatos.

A distribuição dos temas dentro dos blocos, no entanto, obedece a uma característica recorrente. Observou-se que o programa é normalmente iniciado com *hard news*[49] nas editorias de polícia ou cidade, cujas matérias relatam acidentes, assaltos, denúncias, entre outros temas de mesma vertente. A exceção foi a edição da véspera da Páscoa, do dia 3 de abril, na qual a primeira matéria foi um *link* (transmissão de repórter ao vivo na rua) sobre a procura por ovos de páscoa na última hora. Dada a exceção, o jornal segue uma ordem decrescente das notícias mais “pesadas” até algum *fait-divers*[50] que encerra o telejornal. Assim, identifica-se aqui o princípio da “relaxação” (BECKER, 2005), no qual, ao iniciar com *hard news* (notícias factuais) prende a atenção do telespectador que vai se re-interessando pelas notícias ao longo do jornal.

Também é possível identificar o princípio da “relaxação” nas chamadas da passagem de bloco, como afirma Becker:

> A atenção conquistada pela escalada pode se diluir logo no primeiro intervalo. Por isso, no final dos blocos, há uma chamada, a passagem de bloco, para aguçar a curiosidade do espectador sobre as notícias que serão transmitidas após o intervalo comercial. O jornal precisa seduzir e conquistar a audiência o tempo todo. E esta característica da narrativa corresponde a um outro efeito de sentido do telejornal: o efeito de “relaxação”, que contraditoriamente, significa manter-se ligado. (2005, p. 78)

Nos telejornais diários é comum que as notícias sejam apresentadas em forma de mosaico, já que todos os dias um programa de aproximadamente 40 minutos, tem de dar conta das notícias da capital e do Estado do Rio de Janeiro e, essas notícias são produzidas de acordo com editorias, ou seja, as notícias são produzidas obedecendo a unidades temáticas, como cidade, polícia, esporte, cultura, política, serviço, entre outros.

[49] Notícias factuais ou quentes, séria, importante.
[50] Fatos inusitados que não se encaixam nas editorias pré-estabelecidas dos jornais/telejornais. Uma tradicional máxima do jornalismo exemplifica bem o termo: “Um cachorro morder um homem não é notícia. O homem morder um cachorro é notícia.” A notícia de um homem que mordeu um cachorro, por exemplo, é um *fait diver*, do francês “fatos diversos”.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

Observa-se certo esforço em tentar organizar os temas, colocando matérias que tratam de assuntos correlatos nos mesmos blocos, uma logo após a outra para estabelecer continuidade. No entanto, na maioria das vezes o corte é seco, o que identifica o princípio da "fragmentação", que por sua vez dá agilidade ao texto, característica dos produtos televisuais.

A televisão, como os impressos e o rádio, funciona dentro da lógica capitalista. Desta forma, seus produtos são pensados para a manutenção de uma audiência que, por sua vez torna-se produto da emissora na hora de negociar com seus anunciantes. Baixa audiência resulta em programa reformulado, ou eliminado da grade. O recorte do telejornal em blocos é que possibilita a inserção comercial na programação. Identifica-se aqui o princípio da "comercialização", pois, de acordo com Beatriz Becker,

> Na grade de programação das emissoras, os telejornais, produtos de informação de maior impacto na sociedade contemporânea "vendem" credibilidade e atraem investimentos. [...] É no espaço simbólico dos noticiários que [...] acompanhamos, julgamos e construímos o cotidiano da nação, sob e sobre o olhar dos âncoras, repórteres e editores. [...] O *Jornal Nacional* manteve, entre dezembro de 2003 e março de 2004, o valor do *break* mais caro de toda a programação das emissoras abertas. Isso significa que o anunciante pagava R$225.980,00 para veicular um comercial de 30 segundos. No SBT não foi diferente. O anunciante precisava desembolsar R$80.000,00 para veicular um comercial de 30 segundos no jornal do SBT 1ª Edição. Na Record, o *break* mais caro nesse período também foi do programa jornalístico do horário nobre, o *Jornal da Record*, com Bóris Casoy, que custava R$47.200,00. Na Rede Bandeirantes o valor do *break* do *Jornal da Band* era de R$29.426,00. (BECKER, 2005, p.48-49)

De acordo com o site "Jove Data"[51], em consulta realizada no dia 26 de fevereiro de 2011, o custo de 30 segundos no horário do jornal "Praça" 1ª Edição era equivalente a R$93.100,00 (noventa e três mil e cem reais). Esse valor para exibição de comercial em rede nacional. O valor para exibição de comercial local (somente no Estado que hospeda o jornal "Praça" no horário de 11:55 às 12:10, aproximadamente, gira em torno de R$1.080,00[52].

[51] HTTP://www.jovedata.com.br

[52] O dado foi adquirido através de contato direto com o setor comercial da afiliada Globo no Maranhão, TV Mirante, em fevereiro de 2011. No entanto, o valor sofre alterações de "praça" para "praça", dependendo número de habitantes. A capital do Maranhão atualmente contabiliza 1.000.000 de habitantes. Num cálculo percentual, o valor do *break* de 30 segundos no Rio de Janeiro, considerando que, de acordo com o IBGE, possui pouco mais de 6.000.000 de habitantes, deve se ultrapassar um pouco da soma de R$6.000,00.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

4.2.3
Ritmo

O ritmo é uma das características mais evidentes do RJTV 1ª Edição. Este telejornal tem dinâmica muito veloz. Aqui serão abordadas categorias de análise que também contribuem para a inserção de agilidade no noticiário: os apresentadores, os repórteres, as matérias, as entrevistas e depoimentos, as editorias, o cenário e os recursos gráficos.

4.2.3.1
Os apresentadores, os comentaristas e os repórteres

É recorrente, ao assistir telejornais, a identificação da cena descrita por Becker: "há um apresentador, ou mais de um, sentado à frente de um cenário, enquadrado na altura do peito, que nos olha e nos fala o que há para ser dito sobre o mundo" (2005, p.85). Na figura dos apresentadores se constituem enunciadores cujo poder é "organizar o caos da atualidade" (BECKER, 2005, p.85).

Na tentativa de dar um movimentação maior na hora que o jornal está no ar, o RJ 1 conta com equipe renovada desde novembro de 2009, e tem apostado numa nova face à apresentação. Nesta equipe há uma apresentadora fixa (Ana Paula Araújo), dois apresentadores substitutos (Edmilson Ávila, que é apresentador fixo do boletim Radar RJ, e o repórter do RJ Móvel, quadro fixo do RJ 1, Vandrei Pereira), dois comentaristas especialistas fixos (Rodrigo Pimentel, ex-Capitão do BOPE – hoje consultor de segurança -, que conversa com a/o âncora sobre notícias de segurança e polícia; e o Clínico Geral, Dr. Luís Fernando Correia, que trata sobre temas de saúde). Dois comentaristas de futebol (Júnior – ex-jorgador - e Luís Roberto – comentarista de esportes da Rede Globo) e um apresentador para cultura e agenda cultural (Fábio Júdice). Nesse time de apresentadores e comentaristas pode-se identificar o princípio da "neutralidade", onde o jornalista simula abrir mão de seu papel de enunciador e deixa um especialista falar, se colocando no lugar do telespectador que não entende o tema profundamente.

(Ana Paula)	LOCV – "Vamos conversar aqui, então, um pouquinho mais sobre chocolate com o Dr. Luís Fernando Correia. A boa notícia é que até que faz bem, agora a má é que tem que ser tão pouquinho, né?"
(Dr. Luís Fernando)	LOCV- "É Ana, infelizmente chocolate tem seus prós e seus contras, como tudo na vida, aliás. O chocolate é muito bom, bom pro coração, bom pras

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

	artérias. O problema é que tem ser uma porção pequena, que seja assim equivalente a dois tabletinhos daqueles da barra de chocolate, por semana.”
(Ana Paula)	LOCV- “Dois quadradinhos daquele da barra?!”
(Dr. Luís Fernando)	LOCV- “Por semana.”
(Ana Paula)	LOCV- “Por semana? E tem que ser daquele meio amargo?”
(Dr. Luís Fernando)	LOCV- “Bastante amargo. O ideal é aquele com 70% de cacau, até.”
(Ana Paula)	LOCV- “E se comer os outros?”
(Dr. Luís Fernando)	LOCV – “Aí você vai ter que malhar muito, pra gastar o resto de caloria que foi junto com o resto do chocolate.” (RJTV1, 03/4/2010)

Aqui, na participação contínua dos comentaristas, também se encontra o princípio da “credibilidade”, reforçando o papel e o lugar de enunciação confiável, que os telejornais tentam manter a partir do momento de uma aparente descentralização de poderes antes delimitados ao âncora. Mesmo que, na verdade, assim continue, – é o âncora quem organiza o jornal – a participação de comentaristas afasta o apresentador da opinião, recuperando o princípio da “objetividade”.

Outros dos diferenciais do RJTV 1, que passou por diversas modificações estruturais no final de 2009, são os enquadramentos do cenário pela câmera e a velocidade e entonação da locução. Os âncoras passam a maior parte do programa de pé, o que exige uma dinâmica bem diferente da até então sacralizada no modelo dos apresentadores sentados, enquadrados em plano americano. Há utilização notável de planos gerais e abertos. A câmera executa outros movimentos, é possível identificar, por exemplo, mini-panorâmicas circulares, além de a câmera “andar” atrás do apresentador, colocando o estúdio dentro do fluxo dos acontecimentos, como estão os repórteres na rua.

Essa possibilidade de movimentação dentro do estúdio, no entanto, só se tornou viável após as modificações que o noticiário enfrentou no fim de 2009. O espaço físico onde o telejornal é exibido aumentou. O lugar, fechado, conta com três telões, que exercem o papel de janelas que transportam o estúdio para a rua, para junto dos repórteres, para testemunhar com eles os fatos, pois é através desses telões que os apresentadores chamam os *links* dos repórteres ao vivo fora do estúdio, mostram se o dia está com céu aberto, ou exibem imagens das câmeras da Companhia de Engenharia de Tráfego do Rio de Janeiro - CET-Rio -, identificando como está o trânsito ao redor da cidade.

Três aspectos relacionados à locução são a velocidade, cuja média é de 2,18 palavras por segundo; a entonação, sempre altiva, em tom de animação, ou preocupação; e o texto. Observa-se novamente o princípio da “relaxação”, no qual tanto a velocidade quanto a informalidade do texto são trabalhadas para manter a atenção do

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

telespectador. Neste texto específico também identifica-se o princípio da "dramatização", destacado nas áreas em negrito:

> (Ana Paula) LOCV- "Aí a gente vê o trânsito agora tranqüilo. **Agora durante a manhã foi um enorme sufoco**. As nossas equipes acompanharam tudo desde o momento do acidente, que foi de madrugada, e registraram também **o transtorno pra motoristas e pra pedestres**. Veja na reportagem de Mariana Gross." (RJTV1, 01/4/2010, [grifo nosso])

Os repórteres também contribuem para o ritmo deste telejornal que faz uso recorrente de *links* ao redor do Estado. É constante também o uso do helicóptero da emissora, o "Globocop", de onde um repórter também realiza o *link*, em alguns casos, várias vezes durante a mesma edição. Foi citado anteriormente como os *links* obedecem a um modelo circular, um "passa-a-bola" entre os jornalistas que estão cobrindo a cidade instantaneamente, durante o programa, o que remete aos princípios do "imediatismo" (BECKER, 2005), e da "ubiqüidade" (BECKER, 2005), simulando a onipresença das câmeras e repórteres por toda a cidade. O modelo circular dos *links* passa a sensação também de que o jornal e, consequentemente, os telespectadores, estão no lugar e na hora que a notícia acontece. Como afirma Becker (2005, p.87), "as principais funções dos repórteres são de intérprete e de testemunha dos fatos, especialmente, nas transmissões ao vivo."

4.2.3.2
As matérias

Para efeito de análise, considera-se aqui as matérias padrão (constituídas de *off*, sonora, passagem do repórter – que não é obrigatória, porém, recorrente), as notas cobertas (locução do apresentador ao vivo, cobrindo imagens), as notas secas (locução *on* de matéria simples, na qual o apresentador aparece), notas pé (o encerramento do tema de uma matéria pelo apresentador, adicionando alguma informação) e os quadros (RJ Móvel – onde há uma mescla de *link* com matéria padrão -, e o Radar RJ – um boletim sobre tempo e trânsito, que ao longo do dia é exibido durante a programação, ou inseridos nos espelhos[53] dos telejornais locais).

As matérias do RJ 1 têm duração média de 15'' (quinze segundos) a 2'57 (dois minutos e cinqüenta e sete segundos). Normalmente as mais curtas são as notas em

[53] Lista na qual constam os nomes das matérias e a ordem nas quais serão exibidas, onde estão as notas cobertas, notas pé. Um "guia" do conteúdo que vai ao ar naquela edição.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

geral, e as mais longas são os quadros. No, entanto, em termos de quantidade, os *links*, a apresentação, os comentários e as notas ocupam mais espaço que as matérias padrão neste noticiário. Chamou a atenção da pesquisadora o fato de que, mesmo tendo sofrido uma considerável transformação em relação ao ritmo, as matérias padrão do RJ 1 mantêm o *timing* de antes da "reforma", com uma locução mais lenta em relação à da apresentação e dos vivos, por exemplo. As passagens, comumente, mantêm o enquadramento do plano americano – ou plano médio -, com os repórteres parados diante da câmera.

Ainda abordando Becker (2005), interpretam-se aqui os telejornais como mecanismos de "definição de identidades e valores", mais um dos princípios de enunciação. No RJTV 1ª Edição, é mais evidente esse caráter por se tratar de um telejornal local, que se intitula como um jornal de prestação de serviço. Para a autora,

> as fontes são quase sempre as oficiais e os autorizados a falar são políticos, empresários, diretores, presidentes e no máximo um representante de classe ou categoria de trabalhadores. A classe média e, principalmente, os pobres não têm vez, ou melhor, voz, nem parecem pertencer ao mesmo mundo [...]. (BECKER, 2005, p.91)

O RJ 1 utiliza o discurso do jornalismo local, comunitário, como mais um dispositivo de aproximação e fidelização de seu público. O quadro RJ Móvel, que desloca o RJ 1 para a comunidade, reforça esse princípio, e se aproxima de outro: a "dramatização". A narração do problema por um integrante da comunidade, através do depoimento e das entrevistas, reforça esta hipótese. O discurso do convite à participação, chamando o telespectador a denunciar os problemas do local onde vive, revela também o princípio da "neutralidade", como se o poder de decidir o que é notícia não competisse aos jornalistas porque a pauta foi sugerida pela comunidade, o cidadão "decidiu" o que entrou para o espelho do telejornal. O noticiário aqui investigado "ensaia" – há quem vá preferir a palavra "simula" (BECKER, 2005; SODRÉ, 1977) – uma pluralidade de vozes. Por outro lado, ceder a voz ao telespectador, ao protagonista da notícia (no caso do RJ Móvel, por exemplo, o protagonista é a comunidade), remete ao princípio da "objetividade" (BECKER, 2005), porque tira do jornalista a responsabilidade sobre a opinião, novamente.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

4.3
Ajudando a comunidade no RJTV 1ª Edição

Durante o período em que as amostras para este estudo foram coletadas, aconteceu uma grande enchente no Rio de Janeiro[54], seguida de um catastrófico desabamento com muitas vítimas. Nas edições dos dias 6, 7, 8, 9 e 10 de abril, o RJTV 1ª Edição iniciou uma cobertura especial deste evento. Analisou-se esse material já que as edições desses dias apresentam diferenças significativas dos dias comuns neste noticiário.

No dia seguinte ao desastre, 6 de abril, inicia a cobertura especial. Das 17 matérias desta edição, 15 acontecem como vivos (5 *links* com imagens aéreas do Globocop – chamando a participação dos colaboradores no estúdio -, 5 *links* de repórteres ao redor da cidade, 1 entrevista com depoimento/testemunho, 1 *link* ao vivo do Globo Esporte, e 3 *links* pelos telões do estúdio), mantendo o princípio da "relaxação" (BECKER, 2005), da "ubiqüidade" (BECKER, 2005), do "imediatismo" (BECKER, 2005), e do "timing" (BECKER, 2005) especialmente, pois, nessa edição, o primeiro bloco do programa tem mais de 50' (cinqüenta minutos).

Na edição do dia 7 de abril a âncora Ana Paula não utiliza a entonação altiva característica de suas locuções. A apresentadora diminui o tom da voz, na tentativa de alcançar seriedade e menos velocidade, embora na escalada - que na verdade constituiu-se numa grande nota coberta, com dados sobre números de mortos, sobre a última enchente desse nível, informando os lugares mais afetados, entre outros dados de teor aproximado - o ritmo da enunciação tenha chegado a 2,61 palavras por segundo.

(Ana Paula) "Olá. Mais de 100 mortos, milhares de desabrigados. O Rio de Janeiro acorda de mais um pesadelo que foi causado pelas enchentes. A pior dos últimos 44 anos. Nossos repórteres estão nas ruas desde a noite de segunda-feira, acompanhando os trabalhos dos bombeiros aqui no Rio, em Niterói, São Gonçalo e na Baixada Fluminense. Muitas encostas deslizaram, e ainda há risco. Olha essa imagem, um grande deslizamento de terra nessa área da Praça Seca em Jacarepaguá. Edmilson Ávila mostra os pontos de alagamento, bolsões de água. Há ruas interditadas e bairros sem luz. Escolas públicas e particulares não abrem hoje. E mais! Homens da Força Nacional chegam ao Rio e a população também se mobiliza pra ajudar quem perdeu tudo. Há vários locais que estão recebendo donativos e você vai saber como pode participar dessa rede de solidariedade. Tudo isso e muito mais agora no RJ 1ª Edição." (RJTV1, 06/04/1010)

[54] O Estado do Rio de Janeiro enfrentou fortes chuvas no 5 de abril de 2010. As consequências foram graves. Muitos mortos, feridos e desabrigados num alagamento que atingiu grande parte do Estado e da Capital do Rio de Janeiro.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

Embora nos dias 6 e 7, sendo apresentado de dentro do estúdio, e tentando manter um ritmo mais calmo em função das notícias ruins e da cidade parada, a partir do dia 8 é que o RJ 1 adota o que denomina-se aqui de "tempo irracional", com o jornal sendo apresentado de uma área próxima ao Morro do Bumba, em Niterói, onde, por causa das chuvas, houve um deslizamento onde 50 casas foram levadas pela força da terra. A partir daí, muito desespero, choro e gritaria invadem a tela do RJTV 1ª Edição, como é possível identificar no texto da escalada, que também se aproxima do formato da nota coberta:

(Ana Paula) LOCV – "O RJ 1ª Edição começa a ser transmitido a partir de agora, ao vivo, aqui do cenário da pior destruição dentro de toda essa catástrofe que a gente vem acompanhando desde a forte chuva de segunda-feira no Estado do Rio. Neste momento aqui no Morro do Bumba, região do Cubango, em Niterói. Mais corpos estão sendo retirados dos escombros. A estimativa da Defesa Civil é de 200 pessoas soterradas aqui. Os trabalhos duram desde a noite de ontem. Neste momento a defesa civil faz a remoção de mais corpos encontrados neste espaço onde antes funcionava um lixão e foram construídas 50 casas em cima dessa área. 50 casas foram levadas abaixo numa avalanche, numa verdadeira avalanche conforme os moradores testemunharam. Retro escavadeiras passaram a manhã aqui, remexendo essa área nesses escombros e agora corpos começam a ser encontrados e a gora a gente vê aí o trabalho dos bombeiros, a Defesa Civil fazendo a remoção, uma grande equipe de socorro por aqui por perto mas, segundo a Defesa Civil, há pouca esperança de se encontrar sobreviventes desta tragédia aqui no Morro do Bumba, no Cubango, em Niterói."(RJTV 1, 08/4/2010)

A partir desta edição Ana Paula apresenta o noticiário do local do acontecimento, até a edição do dia 10 de abril. Observa-se que a apresentadora recupera o tom de voz altivo, até intensificando-o mais, para dar uma sensação de urgência. Evidentemente identifica-se aqui o princípio da "espetacularização" (BECKER, 2005) e da "definição de identidade e de valores" (BECKER, 2005) nos diversos depoimentos – e foram muitos – das testemunhas, ou apenas de curiosos que estavam no local, como é possível observar nestes dois exemplos:

(Ana Paula) LOCV – "Aqui por toda parte, deixa eu mostrar aqui um pouco do cenário aqui pra vocês. Toda imprensa aqui acompanhando também. Muitos moradores por aqui. Vamos conversar com alguns que estão aqui. Todo mundo ao pé do Morro esperando novidades. A Luciana tava dentro de casa ontem na hora do desabamento?"

(Luciana) SONV – "Olha, eu não estava aqui, não. Eu moro aqui no Sem Terra, aqui do lado. Mas a gente ouviu muito barulho, a gente até pensou que fosse tiro. Aquele negócio 'pou, pou' estourando. Aí eu falei: 'Gente, não é tiro!'. Aí quando a gente começou a ver eu falei: 'É casas que tão desabando lá de cima!'. Lá da minha casa dava pra sentir o morro descendo. E as pessoas gritavam: 'Tá caindo!Tá caindo!'. Gente! Vocês não tiveram noção...E tenho uma amiga que mora aqui, ela falou que ela olhou, que viu o morro descendo, ela viu uma bola vermelha trazendo, trazendo. Um amigo meu também voltou pra pegar a esposa que tava grávida e falou: 'Luciana, parecia coisa de filme. Eu corria e quando olhava pra trás o barro tava atrás de mim, e eu correndo, correndo, correndo. Eu não sei como me salvei!'. Gente, vocês não têm noção...". (RJTV 1, 8/4/2010)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

(Ana Paula) LOCV- "É, são muitas histórias de sofrimento por aqui. Agora, vamos ouvir o depoimento aqui do Seu Adelino. Olha o sufoco que ele passou: a casa dele foi uma das casas atingidas entre cerca de 50 casas. Ele estava dentro de casa no momento. Como é que o senhor conseguiu escapar, Seu Adelino?"

(Seu Adelino) SONV – "Olha, no momento, eu estava eu, minha esposa, minha filha, minhas duas sobrinhas e minha cunhada. É, nós tava na sala jantando. No momento que nós acabamos de jantar, nós tava conversando sobre a tragédia e o que tava acontecendo nessa tragédia aí que tinha acontecido um dia antes, no Bumbam que as casa tinha caído e tinha uma vítima embaixo da casa.."

(Ana Paula) LOCV – "E aí foi nessa hora que começou a sua casa a vir abaixo!"

(Seu Adelino) SONV – "Aí, no momento que nós tava conversando, nós ouviu um barulho, barulho muito grande" [...]. (RJTV 1, 9/4/2010)

"Seu" Adelino continua a contar detalhe por detalhes da sua jornada, por mais de 5' (cinco minutos). Observa-se aqui que, embora as entrevistas utilizadas pelo RJ 1 sejam de pessoas humildes que moravam no morro, ou que presenciaram a tragédia, esses depoimentos não dão voz a essa comunidade. Seus discursos de desespero são apenas apropriados para a manutenção do princípio da "espetacularização" e da "dramatização", já que no telejornalismo as matérias obedecem a uma narrativa característica do contador de histórias, com início, meio e fim.

Os princípios da "neutralidade" (BECKER, 2005) e da "objetividade" (BECKER, 2005) não aparecem nem no momento da colaboração dos comentaristas, que também foram deslocados para proximidades do desastre no Morro do Bumba. As "janelas" do estúdio perdem seu significado e, este, por sua vez, quase some. No lugar da apresentadora que foi à rua testemunhar o acontecido, os apresentadores substitutos – que quando desempenhando a função de repórteres são ícones da agilidade que caracteriza o programa – não conseguem acompanhar a aura do "tempo irracional" que Ana Paula cria ao apresentar o jornal *in loco*, à beira dos mortos e desesperados.

Nota-se também que, indo na direção oposta ao princípio da "fragmentação" (BECKER, 2005), que é identificado no modelo de apresentação de notícias em mosaico, para dar conta de uma totalidade de acontecimentos, também não aparece, pois o tema central destas quatro edições é o desastre das chuvas e os acontecimentos derivados deste, como a ressaca do mar e os alagamentos na baixada de Jacarepaguá, por exemplo.

Por meio da evidência de aspectos do formato idealizado para o RJTV 1ª Edição a partir de novembro de 2009 (renovação do estúdio, novos apresentadores, participação contínua e freqüente de colaboradores, o aumento do volume de *links* de repórteres ao

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

vivo nas ruas) é possível identificar, observando a "estrutura" deste produto televisual jornalístico, as seguintes características do RJTV1:

1 - uma variação considerável do tempo entre uma edição e outra, chegando a atingir a diferença de até 51 minutos (considerando, no recorte temporal proposto – abril a junho de 2010 –, a edição mais curta e a mais longa no período);

2 - que o telejornal inicia e termina com um cumprimento muito informal ao telespectador reforçando a simulação do diálogo a fim de gerar um sentimento de aproximação na audiência;

3 – a quantidade considerável e a agilidade dos *links* de repórteres ao redor da capital e do Estado do Rio de Janeiro, acelerando a dinâmica do programa da notícias, reforçando a sensação de imediatismo e ubiquidade, afirmando a presença do RJ1 no local em que a notícia acontece.

Quanto à análise dos "blocos" observou-se que não há uma determinação fixa quanto ao tempo de duração e que o tempo de cada "parte" do telejornal é variável de acordo com o rendimento das matérias, o "valor-notícia". Tal constatação levou à conclusão de que esse perfil flexível, que considera o "grau de importância" da informação a ser trabalhada, remete ao princípio da credibilidade, pois o jornal se modifica de acordo com as notícias.

Embora haja essa flexibilidade, a direção decrescente – do *hard news* ao *fait divers* – do peso das notícias, as chamadas para o próximo bloco e o formato de apresentação das notícias em mosaico ainda são aspectos que se igualam ao que é praticado em jornais com perfil mais tradicional. As notícias mais factuais, urgentes, normalmente, são apresentadas primeiro e, depois, seguem-se as mais amenas. As chamadas para os próximos blocos mantêm o telespectador atento, num estado do que Becker (2005) trata como "relaxação"[55]. E o mosaico, que pretende dar conta das notícias de toda a capital e do Estado, em aproximadamente 40 minutos.

O "ritmo" do RJ1 é caracterizado pela movimentação e pela velocidade, empostação e entonação da âncora (Ana Paula Guimarães) no estúdio – vale lembrar que o estúdio possui telas que lembram janelas, pois é a partir delas que o apresentador tem contato com os repórteres do vivo - , pela participação de mais seis colaboradores constantes: Edmilson Ávila, Vandrei Pereira – repórteres que comandam quadros do telejornal e eventualmente cobrem Ana Paula -, o consultor de segurança, Rodrigo

[55] Um dos 11 princípios de enunciação presentes no discurso do telejornal.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

Pimentel; e o clínico geral, Dr. Luís Fernando Corrêa. Além do repórter Fábio Júdice e dos comentaristas de esporte, Júnior e Luís Roberto. Concluiu-se que, por meio da participação de "especialistas" existe um reforço do princípio da "neutralidade" (BECKER, 2005), pois o jornalista abre mão de seu papel de enunciador e se reposiciona, aproximando-se do telespectador, pois "simula" (SODRÉ, 1977) que não entende profundamente o tema.

As matérias também contribuem para o ritmo acelerado do RJ1. Comentários e notas são mais recorrentes que as matérias padrão (com *off*, sonora e passagem). As matérias padrão, entretanto, mantém a métrica tradicional, o ritmo mais lento de antes da re-estruturação de novembro de 2009. O perfil de jornalismo como prestação de serviço também define do tom deste telejornal local. As falas dos integrantes de comunidades ao redor do Rio de Janeiro reforça os princípios de "dramatização" e "neutralidade" (BECKER, 2005). Os depoimentos da comunidade, regularmente colhidos em situação de denúncia de problemas que afetam àqueles personagens, apresentam um tom urgente em entonação. E, "abrir" o microfone para um morador, que sofre com determinada situação, retira do jornalista o "peso" da notícia, é um telespectador, que sofre como outro telespectador também, que fala do seu problema, não um jornalista.

Na cobertura especial das chuvas em abril de 2010 – no Rio de Janeiro - e do desabamento do Morro do Bumba em Niterói – alguns aspectos do telejornal foram alterados: a âncora apresentou o programa do "pé" do morro; seu tom de voz ficou mais sóbrio; utilização de muitos depoimentos sem informação factual, apenas impressões, ou histórias vividas pelos entrevistados. Pouca informação factual remetendo ao princípio da "espetacularização"; a urgência com que as testemunhas contavam suas experiências reforça a lógica de um "tempo irracional", uma testemunha, um personagem sendo entrevistado atrás do outro, muito rápido, como se o RJTV1 quisesse dar voz ao maior número de pessoas possíveis, contribuindo para a efetivação do princípio que pressupõe que o telejornal coopera com a "definição de identidade e valores" de uma comunidade, o estilo de cobertura, urgente, espetacular e ubíquo possuía um aspecto solidário, o Estado do Rio de Janeiro estava em suspenso, angustiado pelo que acontecia em Niterói, é possível observar esta tônica nos textos decupados das matérias para este estudo e demonstrados neste tópico[56].

[56] Tópico 4.3.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

Após a visualização do perfil do RJTV1 (estrutura, ritmo, blocos, matérias e etc.) a análise será direcionada à identificação de caracteres das Estéticas do Real (FELDMAN, 2008; 200JAGUARIBE, 2007; JOST, 2009; MATOS, 2009; NICHOLS, 1997) no conteúdo veiculado no RJ1. O *corpus* delimitado para esta pesquisa tem enfoque concentrado nas peculiaridades das visualidades dos vídeos amadores exibidos neste telejornal, porém, os vídeos que se aproximam dos aspectos que se remetem a Estética do Realismo como consequência de uma produção audiovisual não-profissional, mesmo mecânica, como nos casos das câmeras escondidas, ou de circuito interno de segurança, também entrarão na análise.

Esta decisão (de considerar outros vídeos, para além dos amadores, que apresentem componentes que o capacitem a uma análise baseada nas Estéticas do Real) foi tomada considerando os fundamentos do signo propostos por Pierce, e trabalhados por Santaella (2002). As três propriedades do signo serão abordadas mais detalhadamente ao longo do próximo tópico. Porém, a abordagem dos vídeos de câmeras de vigilância e de câmeras escondidas será considerada em função da observação a terceira propriedade dos signos – o legi-signo – cuja ação "é fazer com que o singular [a existência do signo] (...) se amolde à sua generalidade" (SANTAELLA, 2002, p.13, grifo nosso). A generalidade dos vídeos (signos) aqui estudados é a identificação de sua imagética com as Estéticas do Real.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

4.4
O RJTV 1ª Edição e as Estéticas do Real

No âmbito da convergência das mídias e da proliferação dos mais diversos conteúdos na rede mundial de computadores, a recente realidade caracterizada pela facilidade na produção e trânsito de conteúdos audiovisuais, potencializou-se também o número de flagrantes, denúncias através da utilização de câmeras escondidas, testemunhos registrados em vídeo, entre outros. Esse tipo de conteúdo colaborativo não é recente como a popularização de tecnologias digitais. Porém, foi a partir desta, em especial, pelo barateamento de câmeras de fotografia e vídeo, que seu fluxo aumentou consideravelmente.

O surgimento da plataforma *Web 2.0*, com sites como o *YouTube* e *Flickr*[57], e de *softwares* que facilitam a manipulação de fotografias, vídeos e áudio e da descomplexização dos próprios equipamentos que produzem esses dados, incentivaram o comportamento participativo dos usuários da Internet. Todos – querendo – podem postar textos, imagens, sons das mais diversas naturezas. Os conteúdos de caráter biográfico e noticiosos ganham destaque nesse cenário, este segundo (os noticiosos) promovendo efeitos nos formatos clássicos dos produtos jornalísticos.

Compreendidas as dinâmicas que caracterizam o RJTV 1ª Edição, observa-se o relacionamento que os produtores da atração televisual tentam estabelecer com o público desta. Neste telejornal os quadros são idealizados para possibilitar denúncias sobre problemas estruturais do Estado do Rio de Janeiro, orientar sobre o trânsito, ser parceiro da comunidade na cobrança de prazos de obras, convidar o telespectador a ser produtor do RJ1, entre outras funções a que o jornal se oferece como um "amigo do cidadão". Desta forma, a produção do RJTV 1ª Edição incorporou a participação do usuário/telespectador, convidando-o sempre a participar, enviar seu vídeo, sua colaboração, como demonstrado no trecho abaixo.

(Ana Paula) LOCV: "A gente aqui no RJ sempre quer a sua participação denunciando o que é que tá de errado aí na sua rua, na sua comunidade. Hoje vamos mostrar pra você um vídeo enviado pra gente, do Luís Cláudio Volutão, ele é lá do Engenho de Dentro. Olha o que ele gravou pra gente na quadra de esportes que fica ali perto da comunidade dele, fica na rua Bento Gonçalves, debaixo da passarela. Muitas poças d'água, também muitos buracos ali pelo chão. O morador reclama também da insegurança: olha o tamanho dessa cratera! E além disso tudo, ele fala que de noite ali fica a maior escuridão e que ninguém toma nenhuma providência com as denúncias que ele fez. Então a gente tá mostrando aqui. Ligamos pra Fundação Parques e Jardins que diz que vai mandar uma equipe até lá no início da próxima semana agora pra fazer os reparos necessários. E você também pode mandar seu vídeo aqui pra gente, viu? É só entrar lá no nosso portal, portal da Globo: g1.com.br/rj." (RJTV1, 29/04/2010)

A abertura à colaboração do usuário/telespectador (normalmente amador) altera aspectos da apreensão de si mesmo dentro do telejornal e reforça um dos critérios de noticiabilidade de maior relevância para a produção de um telejornal: os critérios relativos ao público, em especial "às notícias que permitem uma identificação por parte do telespectador" (WOLF, 2005, p.223). Assim, o telespectador se reconhece como audiência e como produtor do conteúdo noticioso, fortalecendo os vínculos entre

[57] Redes de publicação e compartilhamento de vídeos e fotografias.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

público e produto audiovisual. Além de reforçar a imagem do produto considerando os critérios relativos ao público e à concorrência - pois um vídeo amador pode ser um furo jornalístico, como no caso do vídeo exibido no dia 07 de maio denunciando baile funk num posto de gasolina - o paradigma da participação do usuário no jornalismo audiovisual origina também alterações na imagética do produto noticioso.

4.4.1
Um pouco mais de metodologia

Antes de iniciar a segunda e terceira etapas da análise dos vídeos, é pertinente uma atenção maior à metodologia da "Semiótica Aplicada" proposta por Santaella (2002) e utilizada para este momento da pesquisa. Já a "Taxionomia dos Efeitos de Real", foi apresentada em detalhes no primeiro capítulo desta dissertação, "Para compreender as imagens".

Semióticos como Charles Sanders Pierce, e a própria Lúcia Santaella, dedicaram uma vida ao estudo dos signos. Infelizmente não será possível abordar todas as variáveis que fazem parte desses esforços científicos. O foco será concentrado na compreensão dos conceitos-chave que nortearam a análise realizada. Dentre os conceitos que aqui interessam, o primordial é a noção de signo que, de acordo com Santaella,

> É qualquer coisa, de qualquer espécie que representa uma outra coisa, chamada de objeto do signo, e que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito este chamado de interpretante do signo.
> (2002, p.8)

Desta forma, adota-se aqui que os vídeos que formam o *corpus* deste estudo são signos, pois, representam um fato "real" – o objeto do signo -, que aconteceu. Tais signos também são interpretados como reproduções fiéis do fato. Vale ressaltar que essa percepção de registro do real inerente ao vídeo é herança de sua origem primeira, a fotografia. Já, a crença do telespectador no vídeo como comprovação de que determinado evento é verdadeiro, aconteceu, e foi "real", é o interpretante do signo.

O efeito interpretativo, entretanto, ocorre através dos três elementos formais da experiência: a "primeiridade", a "secundidade" e a "terceiridade". A "primeiridade" relaciona-se à consciência imediata que o intérprete tem do signo, uma compreensão superficial, "algo que se apresenta à mente" (SANTAELLA, 2002, p.7). A

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

"secundidade" é quando o intérprete compreende o signo, há a cognição de um conceito, é "aquilo que o signo indica, se refere ou representa" (SANTAELLA, 2002, p.7). E, a "terceiridade" relacionar-se-ia com a inteligibilidade, a generalidade, continuidade, é o "efeito que o signo irá provocar em um possível intérprete" (SANTAELLA, 2002, p.7). Esse último, seria o produto final, o tal efeito interpretativo.

Pierce trabalha sempre em tríades. Obedecendo a esse legi-signo (será aprofundado adiante) da semiótica pierciana, considera-se três tipos de signo: o ícone, o índice e o símbolo. O ícone "representa o objeto por meio das qualidades que ele próprio possui estando o objeto presente ou não" (SANTAELLA, 2002, p.125), apela à sensorialidade e à emoção do intérprete e tem relação próxima com a imaginação. É a representação do referente. Uma pintura, por exemplo. O índice indica uma "relação entre existentes (...) é um signo que se refere ao objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por esse objeto, do qual o índice é uma parte" (SANTAELLA, 2002, p.125).

O índice traz um conceito. Por exemplo: imagine quatro hastes de madeira, em pé, dispostas a forma os pontos de encontro de um quadrado; um peça de madeira quadrado apoiado sobre essas quatro hastes; e, outro pedaço de madeira verticalmente acoplado à peça de madeira que está apoiada sobre as quatro hastes. Esta imagem, imaginada, é o ícone. O signo que se forma em função de qualidades e referências que podem não estar presentes no momento da idealização. Se, ao invés de imaginar, fosse solicitada uma definição de cadeira: objeto, geralmente confeccionado em madeira, constituído de quatro hastes posicionadas na configuração de um quadrado que servem de apoio a uma peça de madeira encaixada na horizontal, e de outra peça de madeira acoplada a essa primeira, na posição vertical e tem a função de assento. Este seria o índice.

O símbolo é, de acordo com Santaella (2002, p.128), "uma associação de idéias gerais que opera no sentido de fazer com que o símbolo seja interpretado como representando um dado objeto", ou seja, o símbolo é a convenção que se sucedeu ao ponto de permitir que em qualquer lugar do mundo, dentro de qualquer sistema cultural, por mais diferente que ele seja, uma cadeira signifique cadeira.

Finalmente, o signo conta com três propriedades: o quali-signo, o sin-signo e o legi-signo. O quali-signo seria o quando a qualidade funciona como signo, o poder de sugestão que a qualidade permite. Por exemplo, nos vídeos não-profissionais analisados adiante, o quali-signo refere-se à plástica do conteúdo audiovisual. A "Taxionomia dos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

Efeitos de Real[58]" analisa o quali-signo. O sin-signo é a propriedade da existência. "Basta que exista algo no mundo" para que seja signo. "Qualquer coisa ou evento no mundo é signo" (SANTAELLA, 2002, p.120). Cada vídeo que constitui a amostra do *corpus* desta pesquisa é um sin-signo. E, por fim, o legi-signo são os princípios gerais que organizam o mundo em classes, tipos, espécies de coisas (SANTAELLA, 2002). Os vídeos amadores/não-profissionais são o legi-signo do objeto aqui investigado. Todos os sin-signo se encaixam nesta categoria. O recorte do *corpus* é o legi-signo porque trata-se de uma classificação à qual os sin-signos serão acomodados.

Elementos formais da experiência	Tipos de signo	Propriedades do Signo
Primeiridade	Ícone	Quali-signo
Secundidade	Índice	Sin-signo
Terceiridade	Símbolo	Legi-signo

Tabela 1. Elementos do Signo

Retomando os "Paradigmas da Imagem" (SANTAELLA, 1998), os vídeos amadores são também um signo pertinente, pois, pertencem a dois paradigmas: ao "paradigma fotográfico", que prevê a "a captação física de fragmentos do mundo visível, ou seja, das imagens que dependem de uma máquina de registro e que implicam necessariamente a presença de objetos e situações reais de registro", esta atribuição corresponde diretamente à natureza do vídeo; e ao "paradigma pós-fotográfico", pois "o suporte que viabiliza a imagem é resultado da combinação entre o computador e uma tela de vídeo".

A partir da popularização dos processos de digitalização dos conteúdos audiovisuais, o vídeo (assim como o áudio e a fotografia) deixa de ser vídeo – registro imagético fixado fotoquímicamente em fita magnética – para se transformam em dado, *bit*[59], em "linguagem líquida".

> Já não há lugar, nenhum, ponto de gravidade de antemão garantido para qualquer linguagem, pois todas entram na dança das instabilidades. Texto, imagem e som já não

[58] Abordada no primeiro capítulo desde estudo, "Para compreender as imagens".
[59] Menor unidade de informação que pode ser armazenada ou transmitida. É uma unidade do código binário. Pode ser "0" ou "1".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

> são o que costumavam ser. Deslizam uns para os outros, sobrepõem-se, unem-se separam-se e entrecruzam-se. Tornaram-se leves, perambulantes. Perderam a estabilidade que a força de gravidade dos suportes fixos lhes emprestavam. (SANTAELLA, 2007, p.25-25)

No entanto, ainda que seja "dado" e não mais um registro imagético em suporte material, o vídeo conserva seu aspecto de registro realista[60] no sentido de que é apta a captar cores, sons, movimento. Essa não-necessidade de suporte físico permitiu ao vídeo outras possibilidades de produção, edição, distribuição e circulação. Entre essas possibilidades, a proliferação de vídeos flagrantes, denúncia, participativos, auto-biográficos (SIBILIA, 2008), auto-publicitários, entre as mais diversas variações de conteúdo audiovisual produzido por não-profissionais, exerce influência sob as características das estéticas dos conteúdos profissionais e sob a própria produção jornalística, no sentido literal da expressão. Adiante o tema será aprofundado.

Já que a estética é tema central neste estudo, é relevante ressaltar também que a Semiótica pierciana tem relação muito próxima com a Fenomenologia, ciência que investiga os modos como os seres humanos compreendem as coisas (SANTAELLA, 2002). Da Fenomenologia surgiram outras três ciências normativas: a estética, a ética e a lógica. Para este estudo, as estéticas, que para Jaguaribe (2006) "são interpretações da realidade" (p.222), têm importância basilar[61].

A fim de identificar e compreender as influências de uma renovação das Estéticas do Real/Realismo por meio da utilização/veiculação dos vídeos amadores (ou não-profissionais) que trazem informações passíveis de serem configuradas como notícias e assim são estruturadas a partir da interpretação e definição do *news value*[62] desses conteúdos informacionais, a análise do *corpus* aqui delimitado será realizada observando também a noção da "Gramática Especulativa", que, de acordo ainda com Santaella

> (...) trabalha com os conceitos abstratos capazes de determinar as condições gerais que fazem com que certos processos, quando exibem comportamentos que se enquadram nas mesmas, possam ser considerados signos. Seus conceitos são gerais, mas, devem conter, no nível abstrato, os elementos que nos permitem descrever, analisar e avaliar todo e qualquer processo existente de signos verbais, não-verbais e naturais: fala, escrita, gestos, sons, comunicação dos animais, imagens fixas e em movimento, audiovisuais, hipermídia etc. As diversas facetas que a análise semiótica apresenta podem assim nos levar a

[60] Ver METZ sobre "A impressão de realidade no cinema", em "A Significação do Cinema". Editora Perspectiva, 2010.
[61] O tema foi aprofundado no primeiro capítulo desta dissertação: "Para compreender as imagens".
[62] Valor-notícia.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

> compreender qual é a natureza e quais são os poderes de referência dos signos, que informação transmitem, como eles se estruturam em sistemas, como funcionam, como são emitidos, produzidos, utilizados e que tipos de efeitos são capazes de provocar no receptor[63]. (2002, p.4)

Para não ceder ao impulso de detalhar um pouco mais a compreensão da Semiótica e, já tendo abordado os conceitos desta teoria/metodologia que darão subsídio à análise proposta como objetivo final, e fundamental, desta pesquisa, o exame dos vídeos será iniciado. Primeiramente, o conteúdo será organizado por tema e, paralelamente serão identificados aspectos da imagética resultante da produção audiovisual amadora/não-profissional considerando os conceitos aqui expostos.

Considerar-se-á a partir de agora os aspectos apreciados nas imagens desses vídeos colaborativos que reforçam os efeitos de real neste telejornal. Para tal etapa deste estudo, recolheu-se durante as 84 edições observadas, todos os vídeos que apresentam os aspectos definidos no tópico deste estudo "A 'estética' da Estética do Real", localizado no segundo capítulo desta dissertação - "Para compreender as imagens" - como propriedades peculiares de uma Estética do Real recuperada e ampliada pelos vídeos amadores.

4.4.2
Os vídeos não-profissionais e as Estéticas do Real

Durante os três meses da observação foram identificados 30 (trinta) vídeos que se enquadram no esquema sugerido da "Taxionomia dos 'Efeitos de Real'. Continuamente os vídeos gerados por usuários/telespectadores - ou mecanicamente (circuito interno de segurança ou câmera escondida) - são produzidos por meio de microcâmeras de baixa resolução acopladas a dispositivos móveis. Essa condição lhes rende qualidade de conteúdo audiovisual inferior aos conteúdos profissionais, fabricados sob a métrica do padrão esperado de produtos confeccionados por especialistas, concebida em convenções estabelecidas no campo profissional de produção audiovisual.

Tanto o equipamento inferior, quanto a inabilidade no manuseio desses equipamentos transferem ao vídeo-produto deste tipo de iniciativa particularidades imagéticas que revigoram as estéticas e efeitos de real. As análises que se seguem propõem a identificação e descrição desses aspectos, assim como seus efeitos. O primeiro recurso metodológico aplicado consiste na identificação do teor dos vídeos, o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

tema, para aproximar dos termos utilizados em telejornalismo, a retranca. Para Santaella, esse momento é definido como "A face da referência", que "diz respeito à relação do signo com aquilo que ele representa" (2002, p. 116), ao modo como o referente está presente no signo.

4.4.3
De que tratam os vídeos amadores/não-profissionais exibidos no RJTV 1ª Edição?

Os vídeos amadores/não-profissionais veiculados pelo RJTV 1ª Edição abordam os mais variados temas, de denúncias de corrupção a participação do usuário em concurso promovido pelo próprio noticiário, como incentivo à participação do telespectador/usuário. Optou-se então, por classificar os vídeos de acordo com a seguinte disposição, elaborada a partir da observação dos conteúdos, a fim de reconhecer os parâmetros que determinam o quali-signo deste objeto:

1 – Testemunha Ocular – os vídeos pertencentes a esta categoria apresentam o testemunho de um telespectador/usuário/audiência a respeito de determinado tema. Esses vídeos remetem a uma visão particular, mais autoral, considerando o ponto de vista do produtor;
2 – Denúncia/Flagrante – os vídeos de denúncia e/ou flagrante têm por intuito revelação de condições ou situações que erradas (um hospital que não funciona, o mau funcionamento do transporte público) e/ou acusação de culpa. A idéia de "sociedade de vigilância" (FOUCALT, 2009);
3 – Participação do usuário/Entretenimento – os vídeos aqui inseridos são respostas dos usuários/telespectadores/audiência ao convite constante ao envio de vídeos com dicas de programação (no caso do recorte aqui delimitado, no mês de junho de 2010, houve o concurso "Essa Rua é Fera" que premiava a rua customizada com motivos da Copa do Mundo que recebesse mais votos no site do RJTV1 – cada rua deveria enviar um vídeo, confeccionado pelos próprios moradores, por meio de câmera de celular ou câmera digital, mostrando a decoração da rua -);
4 – Participação do usuário/Denúncia – também em resposta ao convite à participação do usuário/telespectador/audiência, feito constantemente, porém para participação em quadros como VC NO RJ, cujo teor dos vídeos costuma também tratar de flagrante/denúncia;

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

5 – Circuito Interno de Segurança – vídeos cuja plástica se atende a características das Estéticas do Real. Como fica ininterruptamente registrando o movimento de prédios, arredores da rua, normalmente registra alguma situação, flagrante, que pode ser transformada em notícia;

6 – Câmera Escondida – os vídeos de câmera escondida também apresentam características que reforçam os sentidos de real especificados no item "Taxionomia dos Efeitos de Real", normalmente são resultado de algum tipo de investigação;

7 – Didático – há casos em que o RJ 1 veicula vídeos amadores-exemplo, no intuito de "educar" o usuário/telespectador/ audiência sobre como produzir um vídeo, como técnicas de enquadramento, de movimento, entre outras;

8 – Retirado da Internet – alguns vídeos que ganham repercussão na internet, também produzidos por cinegrafistas amadores, possuem valor-notícia tão proeminente que a produção do RJ 1 acaba veiculando-o. Esses vídeos também apresentam aspectos de estética realista.

Cada uma das possibilidades de classificação aqui apresentadas foram elaboradas observando as concepções de realismo imagético abordadas no capítulo 2, tópico 2.3, "A 'estética' da Estética do Real". Embora as concepções sejam introduzidas separadamente, podem ser identificadas juntas numa mesma classificação e aparecer novamente em outra classificação proposta. Em todas as categorias indicadas acima ("Testemunha Ocular", "Denúncia/Flagrante", "Participação do usuário/Entretenimento", "Participação do usuário/Denúncia", "Circuito Interno de Segurança", "Câmera Escondida", "Didático", "Retirado da Internet"), os vídeos remetem, primeiramente, à "Perspectiva Mimético-Objetiva" (página 37 desta dissertação), pois, a impressão de realidade consequente da reprodução de movimento, por exemplo, é um imponente sin-signo (que indica a existência de algo no mundo).

Já os vídeos "denúncia/flagrante" recuperam, além da "mimético-objetiva", as perspectivas da "vigilância-testemunho" (página 38 desta dissertação), na qual a popularização de microcâmeras resultaria na potencialização de uma "sociedade da vigilância" (FOUCAULT, 2009); e da "espontaneidade" (página 40 desta dissertação), na qual o caráter documental da imagem reforça para o telespectador que o que ele está assistindo realmente existiu e de somente o "olhar da câmera" – sem o enquadramento profissional – seria capaz de capturar determinadas circunstâncias.

A categoria que enquadra os vídeos de "partipação/entretenimento" já remete ao aspecto da perspectiva da "espontaneidade" que retoma a tradição da representação da

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

vida no cotidiano e das micro-histórias, estreitando relações, em especial, com o que Weschenfelder (2009) chama de “escritas pessoais”, celebrando o ponto de vista do telespectador, valorizando sua opinião e disfarçando a mediação daquele conteúdo que também avaliado de acordo com os valores notícia especificados no tópico que trata da Teoria do *Newsmaking*, em especial os critérios relativos ao público no intuito de gerar fidelidade.

A perspectiva da “vigilância-testemunho” torna a aparecer na categoria da “participação-denúncia”, assim como a da “espontaneidade”, pois, o vídeo que o telespectador/usuário/audiência utiliza com objetivo de denunciar e, consequentemente, solucionar um problema, reaparece a noção de vigilância e de que a consciência de que a sociedade se defende através do registro videográfico preveniria futuros incômodos; a “espontaneidade” surgiria justamente na interpretação de que um vídeo produzido por não-profissionais não seria mediado por estes, reforçando seu caráter de “real”.

Os vídeos enquadrados como “circuito interno de segurança” e “câmera escondida”, além de não serem produzidos por profissionais, são produzidos “sem mão”. São capturados, normalmente, através de instalação de câmeras em pontos fixos, ou objetos que a disfarcem (canetas, lapelas de paletó, bolsos de camisa, alças de bolsas, brincos). Esses aspectos reportam as perspectivas “mimético-objetiva” (que está presente em todas as categorias, mas é imponente aqui), em especial à noção de espelho do real, pois, a ausência de uma mão potencializa o aspecto de real, posto que não haveria direcionamento de um autor (seja este profissional ou amador), sendo o registro através dessas câmeras mais objetivo por ser um registro mecânico. Também é possível identificar neste paradigma a perspectiva da “vigilância-testemunho”, pois os vídeos gerados por câmera escondida, fundamentalmente, são produzidos com o objetivo de flagrar e ter provas para denunciar algo, normalmente são produto de algum procedimento investigativo que envolve a polícia ou Ministério Público, por exemplo. A perspectiva da “telepresença” também surge aqui. As câmeras de circuito de vigilância, por exemplo, captam, ininterruptamente, as imagens do que ocorre no ângulo de visão da objetiva. Ligada 24 horas por dia, o efeito de ubiquidade é identificado aqui, na vigilância e presença constante.

Das categorias propostas, os vídeos didáticos se enquadram apenas na perspectiva “mimético-objetiva”. Trata-se de um vídeo que exemplifica o tipo de conteúdo que deve ser produzido pelo usuário, com intuito de ilustrar um exemplo e “educar” o telespectador/usuário/audiência sobre as técnicas de produção audiovisual.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

Quando retirados da internet, os vídeos encontram aí as perspectivas, normalmente, da "vigilância-testemunho" – pois em geral tratam de temas de flagrantes e denúncias, ao menos no caso do vídeo encontrado aqui -, e da "perspectiva da "espontaneidade", pois carregam um forte tom documental – são vídeos não-profissionais, cujo valor notícia "exigiu" divulgação.

Os 31 vídeos coletados a partir das 84 edições exibidas durante os três meses delimitados pelo recorte temporal a fim de delimitar o *corpus* desta pesquisa, de algum modo, apresentam caracteres das Estéticas do Real/Realismo. No entanto, os temas tratados nos vídeos são diversificados. Seguindo a classificação proposta, os vídeos foram identificados da seguinte forma sob as seguintes retrancas:

Seis vídeos testemunha-ocular: ALAGAMENTO MARACANZINHO, INCÊNDIO CAMELÓDROMO CENTRO, ESTADO ESTAÇÕES TREM, TRANSTORNO EM COPACABANA, ENCONTRADOS CORPOS MILITARES SÃO CONRADO, EXPLOSÃO BUEIRO EM COPACABANA;

Quatro de denúncia/flagrante: INCENDIO NO TREM, FLAGRANTE BALÕES, FESTA POSTO DE GASOLINA, FESTA POSTO DE GASOLINA (desdobramento);

Sete de participação/entretenimento: PROGRAMÃO - MAC - MICHAEL DE NITERÓI, PROGRAMÃO – HUMAITÁ, ESSA RUA É FERA (cinco vídeos provenientes do tema);

Quatro de participação/denúncia: VC NO RJ - QUADRA ESPORTIVA, HOSPITAL AZEVEDO LIMA, VC NO RJ - A CALÇADA É NOSSA, FLAGRANTE TRAFICANTES ARMADOS - ROCINHA;

Três de circuito interno de segurança: ASSASSINATO EMPRESÁRIO TIJUCA, ASSASSINATO ROCINHA, PANCADARIA EM FESTA INFANTIL;

Dois de câmera escondida: BINGO - INVESTIGAÇÃO MIN. PÚBLICO, FLANELINHAS IRREGULARES, FRAUDE VEREADOR ;

Um didático: ESSA RUA É FERA;

Dois retirados da internet: ASSASSINATO EM SANTA TERESA, ESSA RUA É FERA.

Após esta primeira análise mais superficial, ainda observando as propostas metodológicas de Lúcia Santaella, se segue em direção à compreensão dos referentes representados nos vídeos e de que forma se apresentam. Esta etapa da análise observa os modos qualitativo (o quali-signo), existencial (o sin-signo) e o genérico (legi-signo), os três modos pelos quais os referentes de apresentam.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

4.4.4
Como estão presentes as Estéticas do Real/Realismo nos vídeos amadores/não-profissionais do RJTV 1ª Edição?

Poder-se-ia insistir na descrição meticulosa de cada um desses vídeos, no entanto, tamanho esforço transformaria a leitura deste estudo uma atividade desagradável. Optou-se por configurar um panorama à cerca dos vídeos encontrados em cada mês e, detalhando um ou dois exemplos mais emblemáticos. Todos os vídeos estão disponíveis no DVD anexo a este trabalho, e algumas imagens serão disponibilizadas ao longo do texto para apreciação.

4.4.4.1
Os modos qualitativo, existencial e genérico

De acordo com Santealla (2002, p.118), "a qualidade interna de uma linguagem é chamada de quali-signo". Este quali-signo faz referência, como foi abordado no tópico 4.4.1 da página 105, às primeiras impressões sobre o signo, suas características plásticas. Nos vídeos aqui proposto à análise o quali-signo é de relevância fundamental, pois, são os aspectos plásticos, característicos à plástica específica deste gênero de produção audiovisual informativa que reforçará os modos sin-signo e legi-signo desses vídeo-signo. Além de ser este aspecto responsável também pelo valor credível desses conteúdos, e seu valor de comprovação perante o "real". Os aspectos do quali-signo aqui, são identificados e catalogados com auxílio da "Taxionomia dos Efeitos de Real", quanto aos aspectos da imagem (p.42) e do manuseio (p.44).

O modo existencial qualifica o sin-signo. "Quando o fundamento está no existente, este recebe o nome técnico de sin-signo, isto é, qualquer coisa ou evento que é um signo" (SANTAELLA, 2002, p.120). Na "Taxionomia dos Efeitos de Real" os aspectos da imagem relativos à credibilidade definem o sin-signo, e cada vídeo é um sin-signo, pois, cada um deles fundamenta-se num evento existente. Pois, de acordo também com Santaela (2002, p.120), "um existente só pode ser através das suas qualidades. Por isso mesmo, existentes dão corpo a quali-signos. Onde houver um existente, haverá quali-signos".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

Por fim, o modo genérico já foi especificado acima, na acomodação dos vídeos em “espécies”, categorias, classes de coisas. “Enquanto os existentes são singulares, as classes são gerais” (SANTAELLA, 2002, p.121). Cada classificação, cada princípio geral é uma lei, um legi-signo. Os vídeos analisados aqui se encaixam no gênero dos vídeos amadores/não-profissionais, nomenclatura convencionada nesta dissertação para tratar de um grupo de vídeos com características comuns. As variações dentro deste gênero resultaram numa subdivisão na qual fossem ajuntados por apresentarem aspectos aproximados.

Todo signo, é imprescindível esta observação, é quali-signo, sin-signo e legi-signo. Todo signo possui as três propriedades especificadas acima. Delimitados os conceitos e aplicações possíveis, segue-se a análise.

01/04/2010 - INCENDIO NO TREM

O vídeo do dia 1º de abril, por exemplo, é um dos modelos de utilização do conteúdo audiovisual colaborativo mais representativos no RJTV 1, o Denúncia/Flagrante. Trata-se de uma matéria sobre um incêndio no trem da Supervia. A ação do vândalo foi flagrada por um usuário do serviço de transporte com a câmera do aparelho celular. O trecho de vídeo amador foi utilizado como ilustração de matéria comum, com *off*, sonora e passagem, com o *off* do próprio repórter sobre a imagem do flagrante. Note-se que a duração da exibição do vídeo durante a matéria não passa de 5 segundos. O aproveitamento desses vídeos costuma reduzi-los ao que atende aos valores-notícia e à configuração clássica do formato das matérias jornalísticas em TV.

Imageticamente a amostra é perceptivelmente condizente com as características que marcam o conteúdo do gênero: quanto aos aspectos da imagem[38], observa-se intenso “desfoque” – causado pelo baixo poder de definição de captação das câmeras dos dispositivos móveis - que dificulta completamente a identificação por exemplo dos traços do rosto do desordeiro; presença de “pixelização”, que torna a imagem um amontoado de cores e formas que, ao longe, baseado nas informações narradas pelo repórter – como um texto-legenda -, o telespectador pode compreender o que se passa no registro audiovisual. Os aspectos do manuseio inserem a credibilidade também de um vídeo que entrega a situação em que o cinegrafista estava: flagrando um crime. Note-se a câmera tremida que evidencia o sujeito presenciando de perto o evento,

[38] Aprofundados na página 41 desta dissertação.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

correndo os perigos de registrar uma ação vandálica, e a instabilidade da mão, proveniente da acoplagem da câmera a um assessório pequeno, que capta o menor movimento. Como os dispositivos são, móveis, as imagens são sempre instáveis[39].

Ao utilizar o vídeo enviado por um usuário, além de ilustrar a matéria com o registro do momento em que aconteceu o fato, o ideal da credibilidade é reforçado em duas vias: o lugar de fala consagrado do jornalista assegura que o fato é verdadeiro, ocorreu de fato, foi apurado; e, por outro, reforça o efeito de real já que foi um usuário, testemunha do fato, prejudicado por aquele comportamento subversor, quem flagrou o caso, não a imprensa, não o profissional que procurava uma notícia, mas o cidadão comum, descompromissado e livre da ideologia da empresa, vigilante como qualquer cidadão pode, e deve ser. O autor do vandalismo foi encontrado pela polícia. O repórter deixa claro que o contraventor só foi preso por causa da ajuda dos usuários do serviço de trens que flagraram o ato com um aparelho celular.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

Figura 1. Incêndio no Trem. 1/04/2010

Ao assistir ao vídeo (disponível em DVD anexo a esta dissertação), é possível observar, como a figura.1 sugere, que as imagens amadoras são bem diferentes das profissionais que predominam nos telejornais. As linhas estão distorcidas, não há delineamento dos componentes da imagem, formas embaçadas, assim como as cores. No vídeo, é possível identificar apenas "borrões" que necessitam de um text-legenda do repórter detalhando todas as etapas do ocorrido "documentado" ali. Entretanto, havia

[39] Página 44.

uma testemunha e esta documentou um evento num lugar e numa situação em que os jornalistas não estavam presentes.

06/04/2010 – ALAGAMENTO MARACÃNAZINHO

No dia 6 de abril, um dia após o início das torrenciais chuvas que caíram durante este mês no Rio de Janeiro, o RJTV 1 exibiu o vídeo classificado como "testemunha ocular" da jogadora da seleção brasileira de voleibol, Fabi, que registrou o alagamento do estádio Maracanãzinho. As atletas ficaram isoladas no complexo esportivo durante a enxurrada que aconteceu no dia 4. As imagens mostram como a água tomou de conta do espaço, impedindo as jogadoras de voltarem para casa. Enquanto estas são exibidas, a apresentadora Ana Paula conversa com a jogadora Fabi sobre a situação vivenciada pelo time.

Neste exemplo o único vídeo exibido é o vídeo colaborativo, mostrado como nota coberta enquanto a âncora recolhe o depoimento da atleta. O trecho exibido, no que diz respeito aos aspectos da imagem, mostra imagens claras, porém pixelizadas – e esse é um aspecto insistente das imagens produzidas através desses dispositivos inferiores -. Identifica-se o movimento da mão que segue o movimento do olho, caracterizando a falta de ângulo. Imagens trêmulas e desfocadas também delimitam a imagética deste vídeo. Este vídeo reforça o teor de real do fato por ter sido registrado por uma figura pública e confirmado por jornalistas profissionais.

Figura 2. Alagamento Maracanãzinho. 06/04/2010.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

O texto-legenda é recorrente quando se trata da utilização de vídeos amadores pelo telejornalismo. Como as imagens “não falam por si só”, é necessário ambientar o telespectador que acompanha uma reportagem que tem como base um vídeo amador que tenha desencadeado veiculação. Note-se que, até o presente momento da análise, os conteúdos desses vídeos obedecem a algum critério de noticiabilidade (WOLF, 2003).

23/04/2010 – FLAGRANTE BALÕES

As características das estéticas provenientes das incapacidades técnicas de um equipamento com menos recursos, afeta também as estéticas dos conteúdos produzidos por equipamentos profissionais. A terceira amostra traz um vídeo produzido pela própria equipe do RJTV 1 que, entretanto, obedece mais à estilística do amadorismo que às convenções profissionais. A matéria em caso trata-se de uma nota coberta sobre Balões ilegais. O flagrante foi feito pela própria equipe do RJ, porém, as imagens são desfocadas, pouco nítidas e foram feitas de uma distância muito grande, uma impossibilidade técnica que deixou marcas no produto final.

Figura 3. Flagrante Balões. 23/04/2010

Alguns autores acreditam que determinados “defeitos” nos produtos audiovisuais jornalísticos “ocorrem” propositalmente (WINSTON, 2005). Essa hipótese não há como ser comprovada. Porém, talvez seja pertinente considerar que a estética dos vídeos produzidos por amadores esteja alterando aspectos das convenções técnicas profissionais em algumas situações. Estariam os profissionais considerando um menor

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

nível de exigência na hora de produzir seus conteúdos? Por outro lado, conteúdos amadores sempre foram veiculados independentemente da qualidade técnica, sendo avaliados por seu valor-notícia.

Vídeos profissionais com características desse gênero remontam ao pressuposto sugerido neste estudo da "Perspectiva da Espontaneidade". Por estar "no lugar certo, na hora certa", mesmo a equipe profissional, ao flagrar um fato em condições desfavoráveis, reforça o teor de real. O telespectador tende a interpretar que se as imagens foram "mal feitas" provavelmente a informação procede, é verdadeira, já que nem mesmo o profissional teve como captar as imagens com qualidade deve ser porque a situação de perigo exigiu que se mantivesse distância do objeto focado, ou estava numa área proibida, correndo algum risco. A sensação de aventura também afirma o efeito de real do conteúdo.

03/05/2010 – DENÚNCIA HOSPITAL AZEVEDO LIMA

A amostra do dia três de maio apresenta dois vídeos de denúncia. No primeiro, o vídeo foi produzido por um funcionário do Hospital Azevedo Lima, em Niterói, com auxílio de câmera escondida. Cansado de testemunhar situações desumanas no hospital, o funcionário produziu o conteúdo utilizando uma câmera escondida. Como conta, em nota coberta, a apresentadora:

(ANA PAULA)[LOCV]: Um funcionário do Hospital Estadual Azevedo Lima em Niterói, revoltado com o péssimo atendimento, resolveu fazer o seguinte: pegou uma câmera escondida, levou lá pra dentro, filmou como é o tratamento dos pacientes por lá e contou tudo aqui pra gente. Você vai ver essas imagens e também o depoimento dos pacientes, de parentes de pessoas internadas, agora, na reportagem da Mariana Gros.

(MARIANA GROSS)[OFF]: "Desde o fechamento da emergência do Hospital Antonio Pedro, há quase um ano, a emergência do Azevedo Lima é a única de Niterói. Moradores do município estão preocupados com a situação da unidade.

[Imagens feitas pelo funcionário com *off* da repórter do RJ]

(MARIANA GROSS)[OFF]: "Com essas imagens feitas com uma câmera escondida vemos corredores cheios de pacientes. As macas estão por toda a parte. Dentro das salas são tantos doentes que fica difícil circular. Aqui no mesmo ambiente, pacientes entubados a espera de uma vaga na UTI – Unidade de Terapia Intensiva, e outros em estado menos grave que aguardam atendimento. Nesta sala que serve como alojamento para funcionários, muita infiltração e mofo."

[imagens da equipe]

(MARIANA GROSS)[OFF]: "Na porta do hospital não faltam reclamações..."

(TESTEMUNHA 1)[SON]: "Um caos, horrível, não tem.. na entrada, começando na entrada, tem um banheiro ali que é pro publico, não tem, não tem luz, cê vai no banheiro não tem luz, um breu total, você não enxerga nem o vaso sanitário."

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

(TESTEMUNHA 2)[SON]: “O Corpo medico não supre a necessidade do hospital, nem da enfermagem, nem da parte cirúrgica, nem clínica. Paciente no corredor com soro, paciente sentado, e outra coisa, o elevador que transporta paciente e funcionário é prendido com plástico pra fechar a porta, se não, não fecha pra você subir.”

(MARIANA GROSS)[OFF]: “Márcia disse que a filha dela, grávida de 7 meses, chegou ao hospital passando muito mal e não havia enfermeiros para carregá-la.”

(TESTEMUNHA 4)[SON]: “Eu pedi socorro, socorro, gritando, gritando muito, que a minha filha tava roxa, aí um rapaz que veio lá de dentro, um rapaz que foi Deus que mandou ele sair, que eu pedi socorro, pelo amor de Deus, ajuda minha filha, leva minha filha, aí ele veio , pegou minha filha nos braços, com o pé machucado e levou, quase caindo, e levou minha filha. Logo na hora que eu cheguei lá segurando a minha filha junto com ele, aí que vem devagarinho o guarda com a cadeira.”

(MARIANA GROSS)[OFF]: “Este homem que prefere não se identificar também é parente de um paciente e saiu da visita impressionado com as condições do hospital.”

(TESTEMUNHA 5)[SON]: “Isso aqui é um clima de guerra. Parece o Haiti depois do terremoto, as pessoas jogadas em macas, em cadeiras, pessoas com dor e não tem um quantitativo de profissionais suficiente pra atender.”

[Volta pro estúdio.]

(ANA PAULA)[LOCV]: “Clima de guerra: olha como é que as pessoas definem o atendimento de lá. Dr Luiz Fernando Correa vai conversar com a gente sobre esse assunto que é muito grave: uma emergência publica em Niterói, que recebe o pessoal também de São Gonçalo, Itaboraí, não tem condição de ter um atendimento ali assim, né doutor?”

(DR. LUÍS FERNANDO)[LOCV]: “É esse que é o grande problema atualmente em Niterói, entre outros né? Niterói, São Gonçalo, Região Oceânica, não tem emergência própria, todos os pacientes são levados imprioritariamente pro Azevedo lima. O Antônio Pedro tá fechado há 3 anos, na verdade. Segundo o diretor da unidade, ela funciona de forma regulada, ou seja, recebendo paciente encaminhado de outro hospital, o outro vem de contato prévio com o SAMU, mas não, não dá, são 800 pacientes por dia no Antonio Pedro.”

(ANA PAULA)[LOCV]: “Não tem previsão de reabrir?”

(DR. LUÍS FERNANDO)[LOCV]: “Não tem previsão alguma, está na fila pra receber verba estadual, enfim...”

(ANA PAULA)[LOCV]: “Vamos rever as imagens que foram enviadas pra gente.”

[Imagens amadoras]

(ANA PAULA)[LOCV]: “Pra gente falar o seguinte, esse atendimento ai, no meio do corredor, as pessoas nas macas, isso alem do que agente ta vendo, é um risco pra saúde das pessoas que tão ali doutor Luiz Fernando? É um atendimento que não tem condição de ser feito?”

(DR. LUÍS FERNANDO)[LOCV]: “Na verdade isso é um não-atendimento, esse paciente ta longe do profissional de saúde, ta longe do medico, ta longe do pessoal da enfermagem, não vai ser visto se precisar de alguma coisa, e é uma situação degradante do ponto de vista da sociedade humana.”

(ANA PAULA)[LOCV]: “Agora os médicos que tão trabalhando ali tem obrigação de denunciar isso também, não tem?”

(DR. LUÍS FERNANDO)[LOCV]: “Tem. Isso muito falado com a chegada do novo Código de Ética, embora tivesse já no Código de Ética antigo, já previa, quer dizer, os profissionais de saúde tem obrigação de dizer, especialmente o médico, de procurar sua Comissão de Ética do hospital, que deveria funcionar também, pra fazer uma denuncia formal ao CRM pra falar da sua situação degradante de trabalho, que eles também estão sendo submetidos.”

(ANA PAULA)[LOCV]: “Claro, eles também são vitimas disso, né?”

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

(DR. LUÍS FERNANDO)[LOCV]: “E na verdade vão atender um paciente e diminuir as chances de sobrevida do paciente grave ou o agravamento da situação de alguém que não tá tão doente assim.”

(ANA PAULA)[LOCV]: “É, é impossível trabalhar corretamente assim, pros médicos, pros funcionários ali. Vamos então lá pra porta do hospital.”

(ANA PAULA)[LOCV]: “A repórter Flavia Januzi tá lá na porta do Azevedo Lima pra dizer pra gente... Flávia, o quê que a secretaria de saúde fala sobre essa situação ai?” [repórter fala ao vivo da porta do hospital, depois volta pro estúdio e se despede do doutor.]

É possível identificar nesse vídeo que, embora os vídeos amadores sejam curtos, podem incentivar uma matéria extensa, com diversos desdobramentos, desde levar o repórter à rua para apurar o fato denunciado através do vídeo, até entrar em contato com as autoridades responsáveis e ouvir a opinião de um especialista. Quanto aos aspectos da imagem, entretanto, como é possível visualizar na figura abaixo, a pixelização (imagem cujos pixels são visíveis, acentuando um aspecto “quadriculado” na imagem e afetando o foco) não permite fácil compreensão do cenário do hospital. O vídeo é um dos mais pixelizados encontrado nas amostras pesquisadas. As imagens são muito tremidas (instabilidade da mão pelo equipamento pequeno, difícil de manter estabilidade; e câmera tremida, denunciando situação de perigo no momento do registro videográfico), as panorâmicas rápidas não permitem uma compreensão muito clara do que esteve em frente à objetiva, além de ângulos perdidos, no caso desta imagem, identifica-se uma espécie de enquadramento em diagonal, comum a imagens audiovisuais publicitárias, muito raras no jornalismo.

Figura 4. Denúncia Azevedo Lima. 03/05/2010

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

O texto da repórter funciona como uma legenda para o vídeo, pouco nítido, de baixa saturação – em tons de cinza e branco (Aspectos da Plástica, cor) -. Os movimentos da câmera também indicam nervosismo por parte do cinegrafista amador: o enquadramento denuncia a pressa do autor do vídeo, ele anda rápido, causando instabilidade na mão.

Seu teor de real reside nos aspectos visuais do conteúdo, remontando às características do amadorismo, e é reforçado pela denúncia por parte do próprio funcionário do hospital, com a confirmação do testemunho dos pacientes e usuários do serviço de saúde, confirmando à repórter profissional os descasos da unidade de saúde.

03/05/2010 – DENÚNCIA TREM

No vídeo seguinte, exibido na mesma data, os efeitos de real também se sustentam na denúncia proveniente de um usuário, uma testemunha, que espelha também a realidade de outros usuários dos serviços de trem no Rio de Janeiro.

(ANA PAULA)[LOCV]: "Quem anda de trem já está acostumado com a superlotação, muitas vezes com os atrasos, mas não é só isso. Um passageiro resolveu filmar o estado da linha do trem em 3 estações, encontrou dormentes quebrados e o mato invadindo a linha do trem. Veja na reportagem da Karina Borges.

[Imagens de Celular]

(REPÓRTER)[OFF]: "Uma realidade registrada pelas lentes de um passageiro na volta do trabalho, um olhar de quem se revolta com a situação que põe em risco a vida de milhares de pessoas todos os dias. As primeiras imagens são da Estação do Meyer, onde os dormentes estão danificados. Cenas parecidas ele encontrou na Estação Riachuelo. Os flagrantes denunciam o que os especialistas confirmam, esses problemas tão comuns de se ver, contribuem para acidentes."

(REPÓRTER)[OFF]: "Há duas semanas mostramos o trem do ramal de Saracuruna, que saiu dos trilhos e quase tombou próximo a Estação de Deodoro. 61 passageiros ficaram feridos. Foi mais uma manhã de caos no transporte público."

[Imagens de celular] TC IN: 43'35'' – TC OUT: 43'48''

(REPÓRTER)[OFF]: "Agora as imagens são da Estação de São Cristovao, também enviadas pelo nosso telespectador dos flagrantes.

(CINEGRAFISTA)[OFF] Mato por cortar. Na linha férrea aqui um trilho largado em cima da linha.

(PASSAGEIRO)[SON]: "Muito cheio, sem refrigeração, às vezes a gente não acha nenhuma lixeira dentro do trem pra colocar o lixo..."

(REPÓRTER)[OFF]: "A gente ouviu as queixas, mas também não pode deixar de mostrar atitudes irresponsáveis dos próprios passageiros, e de quem mora perto das Estações. Se arriscar nos trilhos, por exemplo, faz parte da rotina."

(ENTREVISTADO)[SON]: "É normal, isso aqui é normal. Passar por aqui e por outra passagem que tem bem ali, que as pessoas passam por ali também."

(REPÓRTER)[ENT]: "Não teria um outro caminho pra vocês fazerem?"

(ENTREVISTADO)[ENT]: "Teria, mas dá muita volta pra sair lá do outro lado."

REPÓRTER[PASSAGEM]: "E essa é uma cena muito comum de se ver por aqui. Nós estamos muito próximos da Estação (?) Gurgel. Dá só uma olhada, ali vem mais uma mãe com uma criança andando pelo trilho do trem."

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

(ENTREVISTADA)[SON]: “É o caminho que eu tenho mais próximo da minha casa. É mais perto do que atravessar pelo outro lado, aí eu vou e atravesso logo aqui. Quando a Supervia fecha, porque eles fecham, aí vem e quebram pra passar, aí é errado, quando tava fechado ninguém passava.”

(ANA PAULA)[LOCV]: “Nossa! É problema pra tudo que é lado. Não, a quantidade de lixo ali na linha do trem. Edimilson Ávila já ta aqui pra conversar com agente, falou com a Supervia...” [Volta pro estúdio, faz-se um comentário e encerra a matéria.]

Figura 5. Denúncia Linha do Trem. 03/05/2010

Nota-se no texto o tom urgente utilizado pela apresentadora, Ana Paula, ao tratar do tema, em especial no fim da sua fala. Este vídeo, entretanto, possui um aspecto pouco comum aos vídeos amadores: partes da fala do cinegrafista-repórter-amador são utilizadas pelo RJTV. Geralmente os vídeos amadores são utilizados para gerar uma pauta e acabam ilustrando a reportagem, como uma fotografia (note-se a utilização dos textos-legenda), ou servem como imagem de apoio para uma nota coberta, mas o som ambiente do vídeo amador é, na maioria das vezes, retirado, permanecendo apenas a voz do locutor.

Quanto aos aspectos da imagem, é sempre destacada a captura falha desses aparelhos se considerada em comparação aos equipamentos profissionais com lentes de alcance e definição inimagináveis. Na imagem acima, os aspectos da imagem em relação à plástica demonstram novamente o desfoque e a pixelização. Neste vídeo o cinegrafista amador utilizou o recurso do *zoom* diversas vezes. Como o equipamento amador não conta com uma definição muito eficaz, a utilização do recurso do *zoom* contribui para o desfoque acentuado da imagem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

O teor de real deste conteúdo é reforçado pela denúncia produzida por um usuário, dos milhares de cariocas que utilizam diariamente o serviço dos trens cariocas. Esse fator recupera o critério de noticiabilidade relativos ao público (WOLF, 2005). Ao ajudar o telespectador/usuário, cidadão carioca, divulgando sua situação desconfortável, e até perigosa, o RJTV reafirma a identificação por parte do telespectador, através do reconhecimento de todos os usuários do trem que assistirem à reportagem, ao RJ como um parceiro da comunidade, que dá voz aos cariocas para tentar solucionar seus problemas.

01/05/2010 - PROGRAMÃO

No mês de maio o RJTV1 lançou um quadro para participação do telespectador. Este é convidado a produzir um vídeo com dicas de programação cultural no Rio de Janeiro e sugerir um "Programão" para os outros telespectadores. No entanto, o fator que chamou a atenção nesse quadro é que, em todos os vídeos apresentados, o repórter de cultura Fábio Júdice "ensina" como fazer um vídeo com qualidade:

(Ana Paula) [LOCV]: Agora a gente também tem pedido pra você aí de casa mandar o seu "Programão". Aquilo que você gosta de fazer no fim de semana que pode servir aí de inspiração pra muita gente que tá procurando como se divertir. Temos já um primeiro "Programão" pra mostrar pra você que foi mandado lá de Niterói pelo Fábio.

(Fábio Júdice)[LOCV]: Isso!Michael Santos foi lá, preparou um "Programão" e mandou pra gente. Vamos ver qual foi o "Programão" do Michael.

[Vídeo – Programão]

(Michael Santos)[PASSAGEM]: Olá, depois de toda aquela chuva que tomou conta da nossa cidade maravilhosa, vou te dar uma dica de um "Programão" bem legal. Sabe aonde? Aqui em Niterói. Que tal você dar uma passadinha aqui no MAC, o Museu de Arte Contemporânea? Tem bastante coisa legal pra fazer aqui.

(Fábio Júdice)[LOCV]: Valeu! Brigada! A gente vai lá Ana Paula! Vamos marcar da gente fazer uma gravação lá. Tanta coisa bacana que tem em Niterói!

(Ana Paula)[LOCV]: É, até porque Niterói tá precisando reagir um pouco, ainda sofrendo muito com as consequências da chuva: muitos lugares ainda afetados tem esse "Programão" aí do MAC.

(Fábio Júdice)[LOCV]: Mas tem lugares muito bonitos. Brigado, viu Michael? Olha só. É importante você mandar aqui pra gente também esses vídeos. Mas, olha só, você pode filmar com sua câmera, seu celular. Grava umas imagens mais paradas! Não precisa ficar movimentando muito, pra ficar com uma qualidade boa. E você pode também fazer o seguinte: quando você for falar alguma coisa sobre o "Programão", fala pertinho também da câmera pra gente poder captar um áudio claro, tranquilo e manda pro nosso portal de notícias aqui da Globo: g1.com.br. E quando você for colocar o título não se esqueça de colocar a palavra "Programão". Porque a gente recebe muito vídeo aqui, né Ana Paula?

(Ana Paula)[LOCV]: É, a gente recebe de denúncia, várias coisas. Então escreve lá "Programão", vai lá no g1.com.br e manda pra gente que a gente quer mostrar aqui essas dicas, né Fábio?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

(Fábio Júdice)[LOCV]: Semana que vem vamos mostrar mais.

Nesse vídeo o telespectador vivencia um choque de realidade: o repórter é ele mesmo, ali apresentado a dica cultural. O profissional some completamente e a figura do telespectador ganha corpo, voz e até nome. É o próprio telespectador sugerindo para o outro uma programação cultural: "sou eu, telespectador, carioca, afirmando que você, telespectador carioca também, vai gostar, não é a Rede Globo quem fala, sou eu, um telespectador igual a você".

Figura 6. Programão. 01/05/2010.

Quanto aos aspectos da imagem, observa-se que o tamanho deste é bem menor que o dos outros, tanto que foi enquadrado numa "cartela" para ser exibido. Note-se também que, sendo menor, a produção do programa optou por não "esticar" a imagem para caber na tela da TV. Isto reduziu um pouco o aspecto pixelizado. Porém, o desfoque ainda é evidente. Ao observar os aspectos do manuseio, identifica-se falta de ângulo através de movimentos que reproduzem *travellings*[40] e panorâmicas[41], resultando num efeito manifesto de instabilidade da mão.

[40] Movimento onde a câmera executa um "passeio" acompanhando um personagem, ou objeto.
[41] Movimento de camera onde o equipamento grava 180º da paisagem, ambiente.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

ESSA RUA É FERA

O período de pesquisa que compreende o mês de junho apresentou resultados curiosos. Por se tratar do mês no qual ocorreram os jogos da Copa Mundial de Futebol, o jornal sofreu diversas alterações. A primeira delas foi a diminuição do tempo da edição, a partir do dia 11, da média de 47 minutos para 13 minutos diários, em função da transmissão de jogos que eram transmitidos quase no mesmo horário do telejornal.

A alteração do tempo de exibição modificou também a estrutura do programa. *Links* e quadros como RJ Móvel e Radar RJ não aparecem nas edições deste mês. Em lugar deles é lançado um concurso cultural "Essa Rua é Fera" que elegeu a rua com melhor decoração com motivos de Copa do Mundo. O concurso era constituídos das seguintes etapas: os moradores deveriam decorar a rua, gravar um vídeo pelo celular mostrando a decoração e enviá-lo para o site do RJTV 1ª Edição, onde internautas votariam na rua mais bonita.

Alguns autores, a exemplo do orientador desta pesquisa, Leonel Azevedo de Aguiar, defendem uma vertente jornalística que gera polêmicas efusivas, o infotenimento. Considerando aqui os critérios de noticiabilidade visitados no terceiro capítulo desta dissertação (p.62), o infotenimento – o concurso cultural Essa Rua é Fera é um exemplo emblemático desta linha joirnalística – entraria como critério relativo ao público, pois, de acordo com Leonel Azevedo

> A capacidade de entretenimento constitui-se como um valor-notícia fundamental para que um acontecimento possa adquirir os requisitos necessários para ser construído enquanto narrativa jornalística. (...)Se o fator "entretenimento" é medido como um valor essencial para a construção da notícia e para manter o interesse do público-leitor pela mercadoria "informação", quais os motivos que levam certos autores a desqualificarem a informação jornalística que tem, como marca, a capacidade de entreter o público? (AGUIAR, 2008)

Esta discussão pode se tornar extensa. No entanto, relevante aqui é pontuar que o RJTV 1ª Edição se enquadra nas definições de infotenimento, quando determinadas edições deste telejornal se resumiram à publicidade do "Essa Rua é Fera", com repórteres entrevistando moradores sobre o processo de decoração do ambiente, mostrando as crianças ajudando na pintura dos mascotes do evento esportivo, entre outras amenidades. Além das *soft news* que incentivavam a participação no concurso, eram recorrentes os vivos da arena "Fifa Fun Fest" na praia de Copacabana. Repórteres ao vivo mostravam a movimentação na estrutura construída para a exibição dos jogos da Copa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

Dos 10 vídeos enviados por usuários no mês de junho, cinco estão relacionados ao concurso “Essa Rua é Fera”. Todos os cinco vídeos mostrando as ruas participantes do concurso foram gravados por moradores das ruas concorrentes com auxílio de aparelhos de celular. São notas cobertas das imagens. Como observa-se no texto abaixo:

(Esmilson Ávila) LOCV: “Qual será a rua com a melhor decoração pra torcer pelo Brasil na copa do mundo? Hoje é dia de conhecer mais uma finalista do concurso do RJ, essa rua é fera.”
[Inicia-se a exibição do vídeo produzido pelo morador]
(Edmilson Ávila) LOCV: Esse foi o video enviado pelos moradores da rua camaitê em campo grande. Olha, colocaram bandeiras de todos os países concorrentes e botaram a criançada, os vizinhos.. todo mundo pra trabalhar ali, pra caprichar na decoração da rua, que com esse vídeo ai foi escolhida mais uma, a ooitava finalista do nosso concurso. 41’39’’
(Edmilson Ávila) LOCV: “E a gente ta lá ao vivo com a mariana Gross.” (RJTV1, 07/06/2010)

Figura 7. Essa Rua é Fera. 08/06/2010

Embora no site do RJTV houvesse dicas de como produzir o vídeo que seria exibido no jornal mostrando a Rua para que os outros telespectadores pudessem votar, essa é uma das amostras que mais apresenta a câmera tremida, embora não haja qualquer situação de risco envolvida na gravação das imagens desta rua. Todos os enquadramentos e movimentos característicos ao vídeo amador são identificados neste exemplar: visibilidade do sujeito, falta de ângulo com utilização excessiva do *zoom*, entre outros.

Em Junho encontra-se no RJTV 1 (nas edições exibidas em datas nas quais ou os jogos da Copa ainda não haviam começado, ou já haviam terminado) identificou-se

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

vídeos com características de flagrante, vigilância, testemunho e o único vídeo que não foi enviado por telespectador, mas retirado da internet e veiculado no telejornal, ainda assim pode ser classificado na categoria "testemunho".

09/06/2010 – ASSASSINATO EM SANTA TERESA

(Ana Paula)LOCV: "E olha, tem um vídeo que esta circulando pela internet mostrando o momento em que um traficante foi atingido por um disparo...

[Inicia-se a exibição do vídeo retirado da internet]

... olha as imagens aí pra vocês do Morro do Fale, no centro do Rio, ali perto de Santa Teresa. São 3 homens armados que aparecem subindo a ladeira, durante a gravação pra ouvir a conversa de dois homens que estariam gravando e que planejam o ataque. Ó, vamos tentar ouvir. Olha aí, aí ele atira... mais tiros! O homem ferido é arrastado por um outro que tava ali buscando proteção. Já se sabe o que desse caso Rodrigo? Quem atirou...

(Rodrigo Pimentel) LOCV: A Policia Civil investiga e a Policia Militar. O Corregedor, conversei com ele hoje, acompanha a investigação. Um tiro assim difícil, que demanda muita técnica, o fuzil adequado.

[Enquadramento volta para o estúdio, focando a presentadora e o especialista]

(Ana Paula) LOCV: "Já é um sinal aí de que a pessoa que atirou tinha um bom armamento e um bom treinamento. Então a Policia Militar, por esse motivo, acompanha a investigação. Foi exatamente o Morro onde a policia desenvolveu a ação hoje de manhã, ali no Fale. Essa rua é uma rua chamada Galileu Visconde, fica ali muito próxima ao Hospital Centenário. A imagem quando você puxa, é uma imagem que da um ângulo ou do muro, ou do próprio hospital.

[Repete as imagens amadoras]

Já se sabe quem é esse bandido que foi baleado? Se ele morreu . Já tem alguma informação nesse sentido?

(Rodrigo Pimentel) LOCV: "Segundo informações, seria um dos gerentes do Morro do Fale, de nome Rogério, mas não foi confirmado. Lembrando que a morte daqueles policias, ali próximo, ali no Rio Comprido, aquela morte foi provocada por uma vingança, o traficante Pitoco foi morto depois pela Policia Civil.

[Enquadramento volta para o estúdio, focando a presentadora e o especialista]

Lembrando que existia uma linha de ação que a morte dos policiais foi provocada por uma vingança ao assassinato de um traficante do Morro do Fale. – e essa imagem circulando na internet. Brigada Rodrigo." (RJTV1, 9/06/2010)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

Figura 8. Traficante baleado. 09/06/2010.

Duas outras amostras no período também são exemplos relevantes de vídeo testemunho e vídeo-flagrante. Na edição do dia 30 do mês de junho o RJTV 1 exibiu vídeo amador produzido por câmera de aparelho celular de um telespectador que testemunhou a explosão de um bueiro em Copacabana, vitimando dois americanos. Curioso nesse vídeo que, apesar do telespectador ter testemunhado a explosão, só conseguiu registrar a "confusão" e o atendimento às vítimas do acidente.

A matéria é longa, 5 minutos e 52 segundos. Todos os elementos de uma reportagem profissional aparecem (cabeça da matéria, matéria com *off*, sonora, entrevista, passagem, nota pé, suíte, arquivo – e vídeo amador, que na verdade é a base de toda a matéria, como é possível perceber no texto decupado abaixo).

(Vandrei Pereira) [LOCV]: É grave o estado de saúde do casal de turistas americanos atingido ontem pela explosão de um bueiro em Copacabana, numa das esquinas mais movimentadas do bairro. A Suzana Naspolini mostra pra gente na reportagem que os bueiros estão pelas calçadas, pelas ruas. Esse acidente poderia ter acontecido com qualquer pessoa. Veja só.

[Inicia a matéria com imagens profisisonais de pessoas caminhando nas ruas]

(Suzana Naspolini) [OFF]: A menina indo para a escola passa por cima de um bueiro. E todos os dias é assim. Sem nos darmos conta, caminhamos, ou circulamos de carro ou de ônibus sobre quilômetros e quilômetros de fios, cabos elétricos, tubulações de água, de gás. As instalações subterrâneas da Light, CEG e CEDAE estão presentes no nosso dia a dia. Mas nos últimos tempos se transformaram numa ameaça.

(Transeunte 1) [SON]: A gente fica morrendo de medo de acontecer com a gente.

(Transeunte 2) [SON]: Eu passo e vou desviando dos bueiros. Mas assim mesmo ainda corro perigo. É muito perigoso.

(S.N.) [Vídeo amador][OFF]: E ontem aconteceu um dos casos mais graves.Na esquina das ruas República do Peru e N. Sra. De Copacabana uma explosão assustou quem passava.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

[Imagens profissionais]

(Testemunha 1) [SON]: Todo mundo se jogou no chão pensando que tinha um carro explodindo.

(Testemunha 2) [SON]: Esse bueiro não é a primeira vez que explode. Após o apagão houve uma explosão, era um final de semana. Apareceu uma senhora e falou assim: -Vê como é que eu to. Quando eu olhei pra ela tava aquela fuligem porque ela devia tá passando no momento que o tampão subiu, só que era um final de semana, graças a Deus não machucou ninguém.

(S.N.)[Vídeo amador][OFF]: A tampa deste bueiro da Light, que pesa 300 Kg, voou até quase bater no sinal de trânsito. E bem na hora um casal de turistas americanos passava pelo local. A americana estava em cima do bueiro quando houve a explosão. Ela foi lançada a uma altura de pelo menos 4 metros e caiu na rua com queimaduras em 80% do corpo. Bombeiros que passavam na hora prestaram socorro. Quem estava perto contou que a ambulância levou 40 minutos pra chegar.

[Imagens profissionais]

(Testemunha 2)[SON]: Não tem uma ambulância no momento pra socorrer a pessoa.

(S.N)[OFF] Sarah Nicole, de 28 anos, e David James, de 31, foram levados para o Hospital Miguel Couto. Ele teve 35% do corpo queimados, mas a situação dela é mais grave.

(Médica)[SON]: A queimadura é muito extensa, é uma área muito extensa do corpo, então ela requer uma série de cuidados nos próximos dias.

(S.N.)[OFF]: Representantes do Consulado americano e da Light foram ao hospital. Durante a madrugada o casal foi transferido para uma clínica particular na Zona Sul.

(S.N)[PASSAGEM+ENTREVISTA]: Hoje nós voltamos aqui no local do acidente e trouxemos o Moacir Duarte. Ele é pesquisador da COPPE-UFRJ e é especialista na análise de acidentes. Chegando aqui no local ele logo chamou atenção pra um detalhe. Qual é Moacir?

(Moacir Duarte): Copacabana é um bairro muito povoado e o solo embaixo do chão é muito ocupado. Então a gente aqui tem dois detalhes: primeiro o convívio muito próximo entre instalações diferentes subterrâneas, no caso a caixa de luz e ali a nova instalação de gás natural de distribuição feita pela CEG.

(S.N.)[OFF]: Para ele, tudo indica que o acidente foi provocado por um curto-circuito no disjuntor ou no transformador da Light. E afirma que as inspeções devem ser mais freqüentes.

(Moacir Duarte)[SON]: Existem caixas subterrâneas que tem mais equipamentos que outra. Então, talvez, fosse o caso de aumentar a frequência das inspeções sobre aqueles lugares mais críticos. Sem dúvida aumentaria a segurança da população.

(V.P)[ESTÚDIO-NOTA PÉ]: Até porque há uma frequência nos casos de explosões. Nos últimos 10 meses pelos menos 5 casos de explosão de bueiros foram registrados. Vamos dar uma relembrada? Olha só.

(V.P.)[ARQUIVO][LOCV]: Em agosto do ano passado um morador de rua também sofreu queimaduras quando um bueiro da Light explodiu no Centro da cidade. Em janeiro o problema foi na rua Real Grandeza, em Botafogo. Em fevereiro os bombeiros foram chamados depois que a caixa de luz desse prédio aí, na rua Santa Clara, em Copacabana, pegou fogo. Quando eles chegaram no local um bueiro explodiu do outro lado da rua e a tampa, claro, voou. Em março duas mulheres sofreram ferimentos leves por causa de uma explosão na galeria subterrânea na rua Uruguaiana no Centro do rio. A Light explicou na época que o problema foi a inundação da galeria por causa do roubo de uma bóia e houve um descontrole da água. No meio do mesmo mês, um curto em cabos subterrâneos provocou um incêndio e deixou uma rua do Centro sem energia. A rotina de explosões entre novembro e janeiro, lembra? Rendeu uma multa de R$9 milhões de reais pra Light. A empresa recorreu no fim de março e nós mostramos aí mais um problema no Centro do Rio. Os bueiros começaram a soltar fumaça e logo depois ocorreram as explosões. Quantas imagens tristes. (RJTV1, 30/06/2010).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

Dos 5 minutos e 57 segundos da matéria, 45 segundos mostram o vídeo registrado pela testemunha no local e hora do acidente. Nesse caso é relevante considerar que a gravidade do ocorrido desencadeou diversos desdobramentos à matéria. A repórter coletou opiniões de transeuntes a respeito dos perigos do bueiros, mostrou o vídeo amador, ouviu testemunha desse caso e de outros casos de explosões anteriores no mesmo local, conversou com um especialista em acidentes, ouviu a médica sobre o estado de saúde da americana atingida pela tampa. Depois, a transmissão volta ao estúdio do RJ, onde o âncora lê uma grande nota pé/nota coberta relembrando os diversos casos de explosões de bueiros nos últimos meses.

A imagem amadora provoca diversos efeitos de real, numa mão dupla entre conteúdo profissional e conteúdo colaborativo. Embora o cidadão que registrou a situação não tenha gravado o exato momento do ocorrido, pôde presenciar toda a movimentação do atendimento dos bombeiros, da fumaça saindo do bueiro, da tampa estendida no chão. Imagens produzidas no local do fato onde não havia uma equipe profissional. O teor de real do vídeo é reforçado pela legitimidade profissional ao ser utilizado como ilustração do momento em que o acidente aconteceu na falta de profissionais no local.

Os aspectos visuais do vídeo também contribuem para esse efeito de real. O conteúdo produzido pelo cinegrafista amador é exibido a partir de um plano geral da situação no local: aglomeração de curiosos, Corpo de Bombneiros procedendo com o atendimento, fumaça. As imagens estão embaçadas e saturação é baixa, provocando distorções da imagem.

Em seguida o amador prossegue em um movimento que lembra uma panorâmica. Esse dois primeiros movimentos são registrados de um lugar alto, lembrando a posição em que as câmeras de vigilância são instaladas. Logo a imagem passa a ser capturada em plano médio, já no nível do chão, no entanto, o enquadramento causa estranhamento. Há uma pessoa na frente da câmera, desenquadrada, que permanece no quadro. É feito um corte brusco para outra panorâmica que inicia num plano geral focando policiais no local do acidente, prosseguindo numa panorâmica que foca o bueiro fumaçando e a tampa jogada ao lado. A imagem registrada é intensamente tremida, e o cinegrafista executa movimentos contínuos de passeio com a câmera.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

Figura 9. Explosão Bueiro em Copacabana. 30/06/2010

Observe agora a imagem produzida no dia seguinte pela equipe do RJ no local do acidente. A diferença mais visível é a nitidez da imagem, os traços bem delineados. Na imagem acima, o bueiro precisaria de um texto-legenda para decifrar o que é aquele buraco. Observa-se que os enquadramentos obedecem a um objetivo, complementando a informação no texto *off* da repórter. Os movimentos são contidos e não há utilização de *zoom*, o cinegrafista grava planos mais fechados, mais abertos. Conclui-se que a técnica amadora ainda é distante da técnica profissional. Sua proximidade consiste, na verdade, no teor indicial do vídeo. Será que os cinegrafistas amadores ameaçam realmente uma equipe de jornalismo profissional?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

Figura.9.1 Explosão Bueiro em Copacabana. 30/06/2010 – Equipe RJTV

Por meio da análise baseada em metodologia própria para a leitura do texto televisual (BECKER, 2005) foi possível compreender os aspectos que contribuem para a identidade do telejornal. O RJTV, de acordo com a análise, é um produto audiovisual noticioso com uma proposta de renovação em comparação aos tradicionais modelos telejornalísticos.

Um cenário que possibilita maior mobilidade dos apresentadores, a presença regular de colaboradores especialistas em segurança e saúde – as duas maiores preocupações das grandes cidades – o número diferenciado de repórteres ao vivo, dinamizando o ritmo do telejornal, o tom altivo e a velocidade da locução da âncora e dos repórteres são algumas das particularidades do formato moderno que dão o tom ao RJTV 1ª Edição.

A preocupação com a comunidade é outro aspecto de consideração relevante. Sempre pautado nas notícias de prestação de serviço, o RJ1 se auto-denomina um telejornal da comunidade, preocupado com seu bem-estar e sempre tendo interesse em ajudar a população. É nessa acepção que este telejornal conquista, e trabalha por manter, sua audiência, seus colaboradores.

Esta noção de “parceria” com o telespectador/audiência/usuário se manifesta essencialmente no incentivo à participação desta audiência através da solicitação de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

envio de denúncias, dicas culturais, flagrantes, entre outros. Dentre os aspectos que caracterizam o novo formato de telejornal proposto pelo RJTV 1, a utilização de vídeos amadores/não-profissionais é recorrente e chamou a atenção desta pesquisadora.

Ao analisar os três meses de edições do RJTV 1ª Edição foi possível observar dois momentos do programa: sua edição comum, e uma cobertura especial. Visualizou-se, neste telejornal que se denomina um "jornal para a comunidade", em suas edições comuns um esforço para estabelecer uma nova dinâmica para o programa através da apresentação em pé – deslocando a bancada do centro físico do enquadramento -, uma câmera com maior variedade de planos, quantidade significativa de *links*/ vivos; colaboradores que também participam da apresentação, entre outros. Porém, seus princípios de enunciação contribuem para a manutenção do modelo jornalístico estabelecido, mesmo quando da utilização de vídeo amadores, baseado em índices de audiência, nos pressupostos de objetividade jornalística e neutralidade, que tenta prender o telespectador por meio de um *timing* que busca mantê-lo em estado de relaxação, obedecendo a um modelo de comercialização da informação.

A utilização destacada de vídeos amadores/não profissionais e o incentivo à participação do telespectador como as principais características de um novo formato telejornalístico chamam atenção para o fato de que a televisão, numa tentativa de manter seus públicos, experimenta artifícios que desenvolvam neste telespectador, que é também usuário de outro meio no qual ele "fala" livremente, o sentimento de pertença e fidelidade.

Os vídeos amadores/não profissionais têm destaque no RJTV1. Tratam de temas variados (denúncias, flagrantes, dicas culturais, entre outros) e a participação do telespectador como colaborador que confecciona e envia vídeos, que denuncia, participa, é sempre celebrada no programa. Embora haja esta abertura ao conteúdo audiovisual amador neste telejornal, mais que a identificação dessa prática que se torna recorrente, os conteúdos desta natureza não são veiculados fora de um contexto, e este contexto é o contexto da apuração que afirma os ideais jornalísticos abordados no terceiro capítulo desta dissertação, "Para compreender o jornalismo audiovisual": a credibilidade, a objetividade, e a imparcialidade.

A utilização desses vídeos no telejornal tem por função a ilustração de matérias, imagens de apoio para notas cobertas, ou algo neste sentido. Sua exibição, normalmente, se justifica por seu valor notícia já que, em grande número, as amostras aqui analisadas tratam de temas que se enquadram, em especial, nos critérios de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA

noticiabilidade relativos à concorrência, pois geralmente não são pautas gerais do dia a dia, são um conteúdo diferenciado que não aparecem nos temas de pauta diária.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913413/CA